

Universidade Católica de Goiás
Pró-Reitoria de Pós-graduação e Pesquisa
Programa de Pós-graduação *Stricto Sensu* em Psicologia

**Oficinas Terapêuticas com Super-Heróis: um estudo
exploratório**

Laura Drummond de Azerêdo Coutinho Jardim

Goiânia - GO
Fevereiro de 2009

Universidade Católica de Goiás
Pró-Reitoria de Pós-graduação e Pesquisa
Programa de Pós-graduação *Stricto Sensu* em Psicologia

Oficinas Terapêuticas com Super-Heróis: um estudo exploratório

Laura Drummond de Azerêdo Coutinho Jardim

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação *Strictu Sensu* em Psicologia da Universidade Católica de Goiás, como requisito parcial à obtenção do grau de Mestre em Psicologia.

Orientador: Dr. Fabio Jesus Miranda

Goiânia - GO
Fevereiro de 2009

Universidade Católica de Goiás
Pró-Reitoria de Pós-graduação e Pesquisa
Programa de Pós-graduação *Stricto Sensu* em Psicologia

Folha de Avaliação

Autor: Laura Drummond de Azeredo Coutinho Jardim

Título: Oficinas Terapêuticas com Super - Heróis: um estudo exploratório.

Data da Avaliação: 25 de março de 2009.

Banca Examinadora:

Prof. Dr. Fábio Jesus Miranda
Membro Presidente

Prof. Dra. Simone Ribeiro Garcia
Membro Convidado Externo
Universidade Paulista de Brasília

Prof. Dra. Denise Teles Freire Campos
Membro Convidado Interno
Universidade Católica de Goiás

Prof. Dra. Delza Maria S. F. Araujo
Membro Convidado Suplente
Universidade Católica de Goiás

Goiânia
Fevereiro de 2009

Ao meu sobrinho Dimas, com todo carinho, que por muitos anos de sua infância viveu profundamente o mundo dos Super-Heróis, possibilitando-me descortinar, por meio de suas brincadeiras, as inquietações que envolvem as possíveis relações entre as crianças e esses “seres” por elas tão queridos.

AGRADECIMENTOS

Devo grande parte do empreendimento e realização deste trabalho aos meus pais, Claudia e Ricardo, por me possibilitarem mais essa oportunidade e experiência de aprendizado. Obrigada! Amo-os muito!

Às crianças que fizeram parte da pesquisa e a seus pais, por me proporcionarem um verdadeiro aprendizado, meus agradecimentos sinceros!

Agradeço em especial ao Roberto, meu marido, por todo apoio, compreensão e paciência nos períodos difíceis de dedicação ao estudo. Seu amor e carinho serviram-me como alicerce para a conclusão de mais esta etapa.

À Professora Dra. Delza Maria S. F. Araújo, pelo simples fato de hoje fazer parte de minha vida, tanto pessoal quanto profissional. A ela, todo meu respeito e admiração!

Meus sinceros agradecimentos às professoras e grandes amigas Geórgia Bueno, Izabela Meireles Sousa, por todo apoio, colaboração e companheirismo.

À Adriane, ao Fernando e a todos outros funcionários do CEPSI, Centro de Estudo e Pesquisas Psicológicas da Universidade Católica de Goiás, que colaboraram direta e indiretamente para a consecução deste estudo.

E, por fim, meu devotado agradecimento ao meu orientador Dr. Fabio Jesus Miranda! Seus ensinamentos auxiliaram-me de forma decisiva para tornar realidade um grande sonho de carreira! Sei o quanto valiosos foram os tempos que pude compartilhar de sua orientação! Agradeço-o por toda preocupação, paciência e tempo dedicados a esse estudo.

RESUMO

O presente estudo tem como objetivo analisar a possibilidade de incluir em instituições de atendimento psicológico, onde a demanda é grande, Oficinas Terapêuticas com Super Heróis. Essa idéia surgiu a partir de uma percepção da necessidade de trabalhos em grupos em instituições visando diminuir a espera do atendimento, somado a questão da possibilidade de inserção dos Super Heróis como mediadores terapêuticos, visto que atualmente a criança, tanto em seu discurso quanto em suas brincadeiras, apresenta um grande interesse pelas suas histórias e filmes. A técnica desenvolvida na pesquisa é uma adaptação a partir de a experiência de Gutfreind (2003), com ateliês de contos de fadas. Participaram da pesquisa seis crianças de ambos os sexos e com idades entre cinco e sete anos, de baixa renda e que frequentam escola. Todas essas crianças haviam buscado atendimento na instituição com queixas ligadas a problemas de relacionamento familiar. As Oficinas Terapêuticas aconteceram em dez encontros, no qual dois foram reservados para entrevistas com os pais e os outros oito encontros com as crianças. Ao final da pesquisa, apesar de algumas considerações terem sido levantadas, percebeu-se que as Oficinas auxiliaram no desenvolvimento emocional e também ofereceram recursos para as crianças lidarem com a realidade.

Palavras-chave

1. Oficinas Terapêuticas
2. Psicanálise de Criança
3. Super-Heróis

Abstract

The present study has the objective of analyzing the possibility of including in Psychological Assistance Institutions, because of the huge demand, Super Heroes Therapeutic Groups. This idea has emerge from the perception of a necessity of group work in institutions, aiming to decrease the waiting list of patients, adding the possibility of inserting the theme Super Heroes as therapeutic mediator, observing that, nowadays, children have been presenting in their speech and play, interest in histories and films about them. The technique developed in this research is an adaptation of Gutfreind (2003) experience with fairytales therapeutic groups. Six children, of both sexes, going to school, age range between five and seven year's old and parents with low income were the group attended. All these kids were in the waiting list of patients, and had claimed of familiar relationship difficulties. These Therapeutic Groups happened in ten dates: two were designated to interview the parents and the other eight to meet and be with the children. At the end of the research, even though some considerations were made, could be seen that the Therapeutic Group helped in the emotional development and also offered some tools to the kids to work with reality.

Key-words

1. Therapeutic Group
2. Children's Psychoanalysis
3. Super Heroes

LISTA DE TABELAS

Tabela 1 - Roteiro de Sessões da Pesquisa	28
Tabela 2 - Etapa e Instrumentos de Pesquisa	30

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	11
Capítulo I- PSICANÁLISE DA CRIANÇA	14
1.1. O Brincar	15
1.2. Estruturação Psíquica do Sujeito	10
1.3. A construção do mundo simbólico	22
Capítulo II – O DESENHO DA PESQUISA.....	25
2.1. Psicanálise de Grupos	25
2.2. Oficinas Terapêuticas	28
Capítulo III – O TRABALHO COM CONTOS DE FADA COMO MODELO PARA AS OFICINAS TERAPÊUTICAS	30
Capítulo IV – METODOLOGIA	36
Capítulo V – RESULTADOS	41
5.1. Relato da História de Vida das Crianças.....	41
5.2. Relato do Processo Clínico	50
Capítulo VI – DISCUSSÃO DOS RESULTADOS	68

Capítulo VII – CONSIDERAÇÕES FINAIS	84
Capítulo VIII - REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	89
ANEXO	92

INTRODUÇÃO

Em seu artigo “Linhas de Progresso na Terapia Psicanalítica”, Sigmund Freud (1919 [1918]) afirma que a psicanálise ainda não estava pronta; assim, colocava-se à disposição de estudiosos, a fim de analisar a possibilidade de alterar os métodos para qualquer forma que pudesse ampliar as atividades terapêuticas.

Atualmente, percebe-se que o campo das práticas terapêuticas sofreu ampliações no que diz respeito às diferentes demandas, muitas vezes transpondo o nível de uma demanda privada para o de demandas públicas. Nesta última perspectiva, o trabalho psicoterapêutico em instituições de saúde pública implica em um repensar contínuo dessas práticas. Uma de minhas indagações, acerca do assunto, é a seguinte: como ampliar o atendimento a uma demanda crescente, que pressiona o modelo convencional, ou seja, individual?

Uma revisão da bibliografia de terapia com crianças indica, como mais comuns, estudos referentes ao ato de brincar (Ferreira, 2000; Klein, 1997; Winnicott, 1975; Leudox, 1990) e, de forma menos frequente, o uso dos contos de fadas como mediador terapêutico (Gutfreind, 2003; Barone, 2004; Radino, 2003).

Uma das alternativas propostas, portanto, tem sido o trabalho terapêutico em grupos, a partir do qual a ampliação do número de atendimentos e a minimização do tempo de espera dos pacientes visam ser alcançadas.

Levando em consideração as observações clínicas do trabalho em instituições de saúde pública com crianças, com este trabalho de pesquisa procuro inserir-me na perspectiva dos trabalhos em grupos, de modo a analisar a modalidade do trabalho em oficinas terapêuticas.

Pude observar, no trabalho clínico com crianças, e mesmo espontaneamente no dia-a-dia, a presença, em seu discurso e brincadeiras, de um grande interesse pelas histórias e filmes de super-heróis. Frequentemente, elas desejam ser como eles, brincam e imaginam o mundo desses heróis, na tentativa de realizar as mesmas façanhas. Utilizam suas vestimentas características, usam seus instrumentos e agem como se eles fossem. A partir dessa observação, pude pensar que as histórias de super-heróis poderiam se constituir, na mesma forma que os contos de fadas, como uma tela, por meio da qual vivências e aspectos importantes de suas vidas poderiam ser projetados, servindo como um mediador terapêutico, já que dificuldades e conflitos poderiam ser elaborados.

A par dessas observações, comecei a questionar algumas considerações: poderiam as histórias de super-heróis, assim como os contos de fadas, auxiliarem no contexto terapêutico (Gutfreind, 2003; Barone, 2004; Radino, 2003)? Teriam essas histórias um valor estruturante, importante para o desenvolvimento das crianças, semelhante ao dos contos de fadas (Bettelheim, 1980)?

A partir de um estudo mais aprofundado neste contexto, busquei responder a estas questões gerais. Tanto que do primeiro ao terceiro capítulo proponho-me a escrever uma revisão teórica que resume pontos importantes acerca da psicanálise, focando a psicanálise da criança, a estruturação psíquica do sujeito e a construção do mundo simbólico. O cerne que estrutura o segundo capítulo centra-se na utilização dos contos de fadas como mediador terapêutico na psicanálise de criança, tomando-os como paradigma para o trabalho com o tema dos Super-Heróis. O terceiro capítulo retrata a técnica e a teoria da Psicanálise em Grupos, assim como as oficinas terapêuticas.

A metodologia que norteia este estudo encontra-se no quarto capítulo e abrange seus participantes e o *setting* das sessões. No capítulo seguinte, abordo os resultados obtidos no estudo em tese: apresentação dos participantes da pesquisa, dos relatos das sessões e as entrevistas de avaliação das oficinas, abrindo, posteriormente, espaço para uma discussão desses resultados.

Já no sexto capítulo, viso à conclusão do trabalho, a partir das qual discuto os pontos positivos e negativos encontrados. São oferecidas, ainda, sugestões para estudos posteriores. No último capítulo, apresento as referências bibliográficas utilizadas no estudo, com o intuito de facilitar que outros estudiosos deem continuidade ao mesmo, o que corroborará substancialmente para que mais progressos na área possam ocorrer.

Capítulo I

PSICANÁLISE DE CRIANÇA

A criança é um ser em desenvolvimento, com suas próprias características. A evolução no processo de pensar sobre a criança levantou inúmeros questionamentos e estudos em diversas áreas, inclusive na psicanálise e na teoria sobre o brincar e suas influências, em que são valorizadas as vivências desta etapa e também a importância da passagem por cada fase.

A Psicanálise, a princípio desenvolvida e voltada apenas para o atendimento de adulto, fez grandes descobertas sobre a infância por meio da observação e da prática clínica, o que levou a reconhecer a importância do período da infância para a estruturação psíquica do sujeito. Contudo, já que a criança é um sujeito psicologicamente diferente de um adulto, não haveria como empregar o mesmo método para ambos sem que houvessem modificações na técnica.

De acordo com Klein, foi Freud quem abriu o caminho para o estudo da psicanálise de criança: “Freud (...) não apenas levantou esse edifício e colocou-o sobre alicerces que permitem sua extensão ulterior, mas sempre dirigiu a nossa atenção para aqueles pontos a partir dos quais o novo trabalho deveria prosseguir” (1997, p.13).

Os primórdios da psicanálise de criança encontram-se na supervisão que Freud fez ao caso “Pequeno Hans”, que teve um grande valor e significado teórico por ter obtido êxito em se tratando de uma criança com menos de cinco anos de

idade, mostrando que o método psicanalítico poderia ser adaptado e, assim, aplicado a crianças pequenas.

Em 1905, Freud apresenta sua descoberta sobre a importância especial dos primeiros anos da infância, uma vez que, já neste período, a sexualidade deixa marcas decisivas para a vida sexual madura. Nessa perspectiva, uma das dificuldades que se apresenta é o fato de que em um curto espaço de tempo a criança tem que assimilar aquilo que vem da cultura, por milhares de anos, incluindo-se aí o controle de suas pulsões e a adaptação social.

A partir de suas observações sobre a infância, Freud desvelou os enigmas que os pacientes adultos lhe apresentavam na clínica e percebeu que a infância é um conceito que está para além da temporalidade e da história; é um termo que se refere à questão da posição do sujeito frente ao seu modo de satisfação pulsional.

Hoje, sabe-se que a psicanálise de criança resume conceitos fundamentais da psicanálise, como sexualidade infantil, transferência, inconsciente, resistência, repetição, pulsão, interpretação (Mijolla, 2005).

Do ponto de vista histórico da evolução das idéias quanto à técnica da análise da criança, reconhece-se que ela foi sendo construída e vista a partir de diversos ângulos. É importante frisar que ainda encontram-se diversas polêmicas relacionadas à área. Contudo, pode-se destacar um ponto em comum: o brincar.

1.1.O Brincar

O brincar é uma atividade de grande importância para a constituição do sujeito e, na clínica da criança, torna-se fundamental no estabelecimento de um *setting* analítico.

Em 1908, Freud compara o poeta com a criança que brinca: ambos criam um mundo próprio ou reorganizam os elementos de seu mundo de uma forma nova, que lhe seja agradável. O oposto da brincadeira não é o que é sério, mas sim o que é real. A criança, tal como o poeta, representa em seu jogo as situações penosas, corrigindo a realidade insatisfatória.

Em “Além do Princípio do Prazer”, Freud (1920) chegou a algumas conclusões sobre o brincar ao escrever o relato *Fort Da*, no qual analisa um jogo de seu neto. A princípio, a criança pegava qualquer objeto e o atirava longe, de maneira que procurar e apanhar o brinquedo quase sempre dava bom trabalho. Durante essa brincadeira, emitia um som *fort* (palavra em alemão que significa ‘ir embora’), acompanhado por expressão de interesse e satisfação. Neste momento, Freud compreendeu que o uso que o menino fazia de seus brinquedos era brincar de “ir embora”. Posteriormente, a brincadeira desta criança mudou para um carretel que tinha um pedaço de cordão amarrado. Ele segurava o carretel pelo cordão e, com muita perícia, arremessava-o por entre as cortinas, fazendo-o desaparecer, ao mesmo tempo em que proferia seu expressivo ‘*fort*’. Logo em seguida, puxava o carretel e saudava o seu reaparecimento com um alegre ‘*da*’ (‘ali’). Na concepção de Freud, essa era a brincadeira completa: o desaparecimento e o retorno.

A partir dessas observações, Freud percebeu que a interpretação do jogo se relacionava à grande realização cultural da criança, que é a renúncia à satisfação instintual que efetuara ao deixar a mãe ir embora sem protestar. Para isso, compensava-se encenando o desaparecimento e a volta dos objetos que se encontravam ao seu alcance. Considerando a partida da mãe como algo desagradável para a criança, seria possível, através do jogo, perceber que, para alcançar a

satisfação que buscava, o retorno da mãe, sua partida era uma preliminar necessária, sendo este o verdadeiro propósito do jogo.

Por meio desta brincadeira a criança transformava sua experiência, antes passiva, em ativa, dominando-a, transferindo assim a experiência desagradável para outro objeto, vingando-se em um substituto. Ao jogar o objeto longe, poderia satisfazer um impulso, suprimido na vida real, de vingar-se da mãe por afastar-se dela.

Freud assinala que os primeiros traços da fantasia estão no brincar. Dessa forma, pode-se dizer que ele vê a brincadeira como uma possibilidade de a criança revivenciar tudo que lhe causou ou causa uma grande impressão na vida real, tornando-se senhora da situação e possibilitando, assim, uma elaboração da situação. É um universo em que a criança se deslança emocionalmente. Ao brincar, tem prazer na onipotência manipulatória dos objetos; é uma atividade regida pelo princípio do prazer. Freud (1920) patenteia a brincadeira como um investimento objetal primordial na infância, carregado de simbologia.

A partir da teorização freudiana sobre o brincar, Klein foi quem efetivamente operacionalizou a brincadeira como elemento central para o trabalho psicanalítico com crianças. Diante de uma série de interrogações acerca da possibilidade e da efetividade de um processo analítico com o *infans*, Klein apresentou a brincadeira como atividade passível de análise e interpretações e como uma forma de alargar os limites da verbalização da criança, sendo uma alternativa de comunicação dos conflitos e desejos.

Klein faz uma analogia entre a atividade lúdica infantil e o sonho do adulto, e também entre as verbalizações da criança ao brincar e à associação livre:

Empregando esta técnica, logo verificamos que as crianças produzem associações com os diferentes aspectos de seus jogos, em número não inferior as que fazem os adultos com elementos de seus sonho. Os detalhes do jogo indicam o caminho para o observador atento; e, entretanto, a criança conta toda sorte de coisas às quais se deve dar o devido valor como associações (Klein, 1981, p. 186).

Ao brincar, a criança se apossa do universo lúdico para alívio de tensão / satisfação de seus desejos e para domínio da realidade traumática, por meio de elaborações projetivas. Ou seja, na brincadeira se exteriorizam os sentimentos, servindo como um meio de prazer para a manipulação da angústia (Klein, 1997).

Na psicanálise com criança o brincar serve como um mediador, através do qual as crianças exprimem suas fantasias e suas angústias, sendo uma tentativa do Eu para se defender dos conflitos pulsionais, com o propósito de elaborá-los (Klein, 1981).

Winnicott, discípulo de Klein, redimensiona a teoria do brincar, trazendo a realidade externa para o campo de projeções e relações de satisfação/frustração. Discorda com Klein por ela ligar a brincadeira aos conteúdos inconscientes de forma direta, como se esta estivesse única e exclusivamente à mercê das instâncias psíquicas: "Embora ela (Klein) se tenha ocupado da brincadeira, interessou-se quase unicamente pelo seu aspecto instrumental" (Winnicott, 1975, pg. 56).

Não se pode pensar no brincar, a partir de Winnicott, sem compreender que este fenômeno está associado à importância da criatividade. O jogo e a brincadeira são, para Winnicott, atos criativos e livres que emanam do indivíduo e não da sociedade. Para ele, todo indivíduo deve encontrar um lugar de onde possa operar no mundo, o que o autor chama de espaço potencial, que é o espaço imaginário, do jogo.

O brincar é um tempo/espaço de criação e elaboração da realidade, objetiva e subjetiva, e não apenas uma alternativa simbólica. O *setting* terapêutico passa a ser

um lugar para a vivência do brincar e não para um lugar de análise da brincadeira; ou seja, a brincadeira é para ele uma atividade própria e não um instrumento para algum outro objetivo (Winnicott, 1975).

Para este autor, as crianças brincam por vários motivos, dentre eles o aspecto comunicativo, assim como coloca claramente Klein; pelo prazer em exprimir seus impulsos agressivos num campo conhecido e aceito pelos outros; por ser um espaço de controle das idéias e dos impulsos que conduzem à angústia, caso não sejam dominados; por ser o principal modo pelo qual as crianças experienciam tanto o mundo interno quanto o externo; e, assim como as artes e a religião, a brincadeira tende à unificação e à integração geral da personalidade.

De forma resumida, para Winnicott o brincar é importante para a formação do Eu e para a adaptação à realidade, pois a criança traz objetos e fenômenos da realidade externa, atribuindo-lhes uma roupagem pessoal, conferindo-lhes significado e sentimento. A origem do simbolismo pode estar no caminho que passa do subjetivo para o objetivo; é brincando que as crianças se inserem socialmente, fazendo ‘amigos e inimigos’, assumindo papéis, formando relações emocionais e se constituindo como sujeitos (1975).

Muitas vezes, no dia-a-dia, tomados como escape da realidade o brincar e a fantasia, na clínica psicanalítica, são instrumentos de conhecimento de si próprio e de transformação (Radino, 2003).

Para Ferreira (2000), o brincar e o desenho são importantes, já que dizem sobre a própria criança, dizem sobre o que ela não saberia enunciar. Tanto o brincar quanto o desenho são formas de expressões que sustentam o discurso, sob transferência, para transmitir ao psicólogo o material necessário para a leitura do inconsciente, possibilitando o enlace com a realidade.

1.2 Estruturação Psíquica do Sujeito

“Em idade muito precoce o menininho desenvolve uma catexia objetal pela mãe, originalmente relacionada ao seio materno, e que é o protótipo de uma escolha de objeto (...), o menino trata o pai identificando-se com este” (Freud, 1925).

Para Freud, o desenvolvimento psíquico e da personalidade se inicia a partir da interação do sujeito com o meio ambiente humano. Inicialmente, a relação da criança com as pessoas que estão mais próximas constitui-se no protótipo de sua relação com o mundo. A qualidade do desenvolvimento das funções egóicas vai depender intrinsecamente dessa relação.

O conhecimento que a criança adquire desde o nascimento não é um conhecimento racional, mas sim ligado à emoção. Sua aprendizagem e seus conhecimentos são obtidos por meio da relação que estabelece com o mundo e com as pessoas; seus sentimentos, medos, emoções, afetos, angústias, agressividade, são os motores da busca pelo conhecimento.

Desde cedo, a criança aprende a incorporar o mundo real ao seu mundo interno e também se torna um agente transformador desse mundo real. Em outras palavras, interage com ele a partir de sua própria constituição e constrói seu jeito próprio de olhar o mundo.

O psiquismo humano passa por todo um processo de evolução/estruturação. Inserido no contexto da cultura e da sociedade, a criança subjugada à lei sofre interdições, proibições que a colocam em confronto com o real. Estas deixarão profundas consequências em sua estruturação.

Condenada a uma não satisfação total de suas *urgências*, afrontada por um princípio de realidade limitador da liberdade de seu desejo, em permanente colisão com a *rocha da castração*, o indivíduo vive em constante tensão consigo mesmo e

com os grupos nos quais se insere. O próprio desenvolvimento é fonte de níveis mais intensos ou menos intensos de angústia (Freud, 1911).

A angústia, dor psíquica, encontra-se no cerne de todas as concepções psicanalíticas. A capacidade do indivíduo em lidar com ela determina o seu preparo em lidar com a própria vida; não existe desenvolvimento sem dor (Emanuel, 2005). Não se consegue silenciar as angústias; é preciso enfrentá-las. Se não se faz isso, elas tendem a se manifestar por outros meios (por exemplo, nos sintomas).

Inicialmente, lida-se com a angústia por intermédio da relação com os objetos. A capacidade de suportar a dor psíquica, de modo a propiciar o desenvolvimento, depende desde o nascimento, ou até antes dele, da disponibilidade de uma pessoa receptiva ou sintonizada às emoções que possa *conter* a comunicação primordial do bebê e ajudá-lo a dar sentido às suas experiências emocionais (Emanuel, 2005). Os sentimentos amorosos contribuem para a diminuição da angústia.

As experiências de satisfação e frustração das necessidades e, em seguida, as pulsões, criam uma falsa percepção de uma divisão dos objetos em bons e maus. Este fato propicia que entrem em ação dois mecanismos psíquicos fundamentais: a introjeção e a projeção. Esses mecanismos de defesa buscam um controle da angústia, introjetando os bons objetos e projetando os maus objetos.

Pela introjeção, o sujeito constrói o mecanismo essencial de identificação, que é um processo psicológico no qual um sujeito assimila um aspecto ou uma propriedade do objeto, e se transforma, total ou parcialmente, segundo esse modelo. Em outras palavras, é a ação de assemelhar um eu a outro eu, no que diz respeito a comportamentos em determinados aspectos, assimilando-os dentro de si. É uma

forma muito importante de vinculação, haja vista a personalidade se constituir e diferenciar-se por uma série de identificações (Laplanche e Pontalis, 1986).

São nas primeiras relações que a criança pode se constituir como sujeito. Por meio de mecanismos como idealização, introjeção, projeção e transferência, a criança irá formando um padrão de relação, tornando-se um sujeito que busca a realização de seus desejos e a satisfação de suas pulsões.

Com o tempo as fontes de identificação se expandem, passando a criança a vestir e/ou falar como um professor, um amigo ou até mesmo um ídolo da televisão, por exemplo. Essas identificações podem ser passageiras, mas ela busca, por meio delas, construir sua própria identidade. O processo de identificação ocorre durante toda a vida, mas ao longo do tempo este processo passa a se manifestar de forma inconsciente. Isso significa que o adulto não percebe que seu comportamento e/ou pensamento assemelha-se ao de outra pessoa (Brenner, 1987).

A partir das identificações feitas pelos sujeitos é que se forma a identidade, a qual se processa em diversos planos: sexual, social, profissional, dentre outros. Apesar de a identidade ser uma tentativa para encontrar um eu, livre de qualquer relação de objeto, o que é ilusório, ela se constitui a partir de uma série de identificações com figuras diversas e mesmo com aspectos contraditórios.

1.3. A Construção do Mundo Simbólico

A fantasia constitui-se no combustível interno dos seres humanos, pois ela concede forma aos desejos, favorece o desenvolvimento da personalidade e também contribui para o processo de simbolização e de integração do ego. Geralmente, a fantasia motiva a brincadeira da criança e seus comportamentos, acompanhando suas

experiências da realidade e dando significado aos acontecimentos reais. A fantasia é um constante e inevitável acompanhamento de experiências reais, com as quais a criança está em constante interação (Segal, 1975).

Aos poucos essas fantasias vão sendo transformadas pelo desenvolvimento e pela crescente percepção da realidade externa, iniciando o processo de simbolização, que é importante para a inserção da criança no mundo civilizado e cultural.

Um dos meios pelo qual a criança consegue expressar seus sentimentos é pelo jogo simbólico, isto é, pela simulação simbólica do real, na qual vai superando etapas e atingindo um amadurecimento tanto emocional quanto cognitivo (Klein, 1981).

Por intermédio da simbolização, a criança vai construindo hipóteses e respostas para seus enigmas, valendo-se de uma linguagem pré-verbal e simbólica, fazendo uma ponte entre sua fantasia e a realidade; entre seu mundo interno e externo (Bettelheim, 1980).

O simbolismo constitui o fundamento de toda fantasia; uma quantidade suficiente de angústia é base necessária para a formação de símbolos e de fantasias. Para que a angústia seja elaborada e tenha um desenlace favorável, torna-se importante que o ego tenha adequada capacidade para tolerá-la. Por meio da simbolização, os desejos e conflitos se convertem em tema de fantasias.

As crianças pequenas usam de fantasias inconscientes, de representações dos impulsos corporais e experiências emotivas, para construir a imagem singular do mundo (Emanuel, 2005). Desde o início, a criança traz consigo um mundo interior dinâmico, mutável e vivo, povoado de representações do eu, relativas aos outros significativos, denominados objetos internos ou porções do eu relacionadas entre si.

Geralmente, a fantasia motiva e predispõe a brincadeira da criança ou a criança expressa sua fantasia através de comportamentos. Na psicoterapia, essas fantasias são pontuadas e interpretadas. Há muitos filmes que fazem referência às fantasias, especialmente os de terror (Emanuel, 2005).

Klein observou manifestações de fantasias e ansiedades e descobriu que pelas brincadeiras as crianças representam simbolicamente seus conflitos inconscientes. Todo seu trabalho girou em torno de fantasias inconscientes e de sua importância nas relações primitivas.

Para Freud (1913a), a maioria das histórias, mitos e lendas é uma exposição dos caminhos percorridos pelo homem para dominar seus desejos insatisfeitos e seus conflitos, perante as exigências da realidade e as modificações nela introduzidas. É pela imaginação que vai se processando a elaboração do mundo exterior.

Capítulo II

O DESENHO DA PESQUISA

“Agora concluindo, tocarei de relance numa situação que pertence ao futuro (...) Os senhores sabem que as nossas atividades terapêuticas não têm um alcance muito vasto. Somos apenas um pequeno grupo, e mesmo trabalhando muito, cada um pode dedicar-se, num ano, somente a um pequeno número de pacientes. Comparada a enorme quantidade de miséria neurótica que existe no mundo, e que talvez não precisasse existir, a quantidade que podemos resolver, é quase desprezível. (Freud, 1919; p.180)

Neste trabalho, busco analisar uma forma alternativa ao método clássico do tratamento psicanalítico. A questão principal refere-se à possibilidade de ampliar o atendimento a uma demanda crescente, que pressiona o modelo clínico convencional.

A revisão da literatura aponta, como uma das propostas possíveis, o trabalho terapêutico em grupo.

2.1. Psicanálise de Grupos

Em 1921, Freud já afirmava que na vida mental dos sujeitos aparece sempre o outro, como modelo, como objeto auxiliar ou adversário, o que o levou a concluir que a psicologia individual é, ao mesmo tempo e desde o princípio, uma psicologia social: os indivíduos não diferem em sua essência.

A importância do conhecimento e utilização da Psicologia de Grupo decorre do fato de que todo indivíduo passa a maior parte do tempo, de sua vida, convivendo

e interagindo com diferentes grupos. A tendência à grupalização mostra-se inerente ao ser humano; é inata, essencial, indissociável e permanente (Cordioli, 1998). O individual e o social não existem separadamente, um pode ser visto como continuidade do outro, já que se interpenetram, complementam e se confundem entre si.

Para que um grupo se caracterize como tal, de acordo com Zimerman e Ozório (1997), ele deve se constituir como uma nova entidade, com leis e mecanismos próprios, e não ser apenas um somatório de indivíduos. Os integrantes devem estar reunidos, face a face, em torno de uma tarefa e de um objetivo comum; o tamanho do grupo não deve exceder ao limite capaz de colocar em risco a comunicação; deve haver a instituição de um *setting* e o cumprimento de combinações nele feitas, como espaço, tempo, regras e objetivos claramente definidos. A definição de papéis é imprescindível e, por fim, é inevitável que na formação de um campo grupal dinâmico gravitem fantasias, angústias, mecanismos defensivos, fenômenos resistenciais e transferenciais.

Bock (1999) também traz contribuições importantes; na sua perspectiva, o grupo é um todo dinâmico e a mudança no estado de qualquer membro modifica o estado do grupo como um todo. Assim, mesmo tendo objetivos em comum, os membros do grupo continuam tendo individualidades.

Após as contribuições de Freud sobre grupo, outros importantes autores colaboraram para esse movimento: Moreno, Lewin, Foulkes, Pichon Riviere, Bion, Anzieu, entre outros.

A grupoterapia completou seu primeiro centenário de existência em 2005 e vem, desde então, revelando ser comprovadamente eficaz e de grande abrangência. Apesar disso, no Brasil ela ainda não encontrou um campo de aplicação clínica mais

sistemático e consistente, embora venha abrindo um progressivo espaço de valorização e aplicação (Zimmerman, 1999).

Os grupos podem se organizar de diversas formas para alcançar seus diferentes objetivos. Contudo, a essência dos fenômenos grupais é a mesma em qualquer tipo de grupo; o que os diferencia em alguns pontos são as finalidades para as quais são criados e compostos.

Zimmerman (1999) propõe a classificação de grupos, quanto a finalidade, como grupos operativos e grupos psicoterápicos. Os grupos operativos abrem reflexões em torno de um foco e de temas correlacionados, o que significa que uma de suas características é a centralização em uma tarefa.

Os grupos psicoterápicos obedecem a uma distinta corrente teórico-técnica. Dentre as correntes possíveis está a psicanalítica, com os três princípios básicos que Freud formulou como constituintes da essência da psicanálise: a presença de resistências, da transferência e da interpretação.

É importante ressaltar, também, que as leis da dinâmica psicológica são as mesmas em todos os grupos. Aparecem presentes nos grupos as pulsões, os fatores inconscientes e conscientes; circulam as angústias que podem emergir em função de conflitos internos ou de frustrações impostas pela realidade externa; aparecem os mecanismos defensivos. O trabalho grupal propicia perceber a presença dos conflitos estruturais, o surgimento do campo ativo das identificações (tanto as projetivas quanto as introjetivas) e as formas como os vínculos se manifestam (Zimmerman, 1999).

“Um grupo coeso e bem constituído, por si só, exerce uma importantíssima função de ser *continente* das angústias e necessidades de cada um e de todos”, segundo as considerações de Zimmerman (1999, p. 442). Propicia uma capacidade de

pensar as experiências emocionais cotidianas e aprender com as mesmas. No grupo, o sujeito faz inúmeras introjeções acerca do modo como os outros lidam com os problemas.

2.2. Oficinas Terapêuticas

As Oficinas Terapêuticas se constituem em uma das modalidades de trabalho com grupos. Podem agir como facilitadores da instauração de um campo de fala e escuta para a percepção e reflexão das experiências de um grupo de pessoas em relação a vários temas ou problemas.

Para Afonso, a modalidade de trabalho em grupos, dentro da saúde denominada Oficina, busca elaborar questões que são colocadas como foco de trabalho e como temas correlacionados, de forma contextualizada. Utiliza de um número variável de encontros, permitindo uma flexibilidade na proposta. Para ela, um “trabalho estruturado com grupos, independentemente do número de encontros, sendo focalizado em torno de uma questão central que o grupo se propõe a elaborar, em um contexto social” (2002, p. 11), é uma prática de intervenção psicossocial e pode acontecer dentro do contexto pedagógico, clínico, comunitário ou de política social.

A Oficina nunca deve ser imposta, deve ser um trabalho aceito pelo grupo. É importante que se levante uma demanda e, a partir daí, proponha um tema. As necessidades trabalhadas na Oficina devem ser ao mesmo tempo individuais e coletivas (Afonso, 2002).

O tema geral da Oficina é o “foco” em torno do qual o trabalho será deslanchado, podendo ter amplitudes diversas. Entretanto, é importante que ele seja

bem definido para que se possa fazer um bom contrato com o grupo. Em torno desse foco é que se deve escolher “temas geradores”, isto é, temas que poderão gerar no grupo a motivação, a associação com a experiência de vida de cada um, que tocam suas necessidades, medos, alegrias, conflitos e possibilidades, aguçam o desejo de participação e troca (Afonso, 2002).

A possibilidade de reflexão individual e coletiva, vivenciada nas Oficinas, permite o intercâmbio e a elaboração de idéias, crenças e afetos que podem articular uma síntese enriquecedora para cada um dos integrantes, em que experiências e conceitos podem ser ressignificados, reinventados e revivenciados. Em síntese, as Oficinas podem se consolidar no campo em que seja possível trabalhar os problemas psíquicos. Para tanto, deve-se estimular sua elaboração, buscando promover a mudança da problemática psíquica e/ou da própria estrutura psíquica dos participantes, de modo a auxiliá-los na construção de formas de lidar com suas angústias, conflitos psíquicos e conflitos relacionais.

Nas Oficinas estão presentes a concepção do lúdico, a partir do qual se observa que é possível trabalhar um tema, conflito ou sintoma, por meio de uma estrutura que promova uma abertura perceptiva, permitindo a expressão de sentimentos, idéias e também a encenação de relações, potencializando, assim, a capacidade do sujeito em ocupar disposições diferentes das já cristalizadas no cotidiano, abrindo um espaço para sensibilização e disposição, para a apreensão e a produção de novos significados (Winnicott, 1975).

Capítulo III

O TRABALHO COM CONTOS DE FADA COMO MODELO PARA AS OFICINAS COM SUPER-HERÓIS

“A necessidade de contar histórias é tão antiga que deve ter nascido com o próprio homem. Como se a necessidade de fabulação estivesse presente em toda a existência, movidos por buscas interiores de responder os mistérios da vida que escapam à compreensão humana” (Puetolas 1999; apud Radino, 2003).

O trabalho clínico com crianças se pauta no uso de mediadores que possibilitam uma interlocução mais dinâmica e menos formal que o uso da linguagem. Uma revisão da bibliografia de terapia com crianças indica “o brincar”, em várias especificidades, como o mediador usual da relação terapêutica (Ferreira, 2000; Klein, 1997; Winnicott, 1975; Leudox, 1990).

Em uma tentativa de desenvolver novas possibilidades de acesso ao mundo psíquico da criança, alguns autores buscam no uso dos contos de fadas um mediador capaz de promover a interlocução e a elaboração de dificuldades no intercurso do desenvolvimento infantil (Gutfreind, 2003; Barone, 2004; Radino, 2003).

Freud, em 1926, já formulava a idéia de que o conto (também o mito, a literatura, a arte) oferece representações significativas do ser humano, sobretudo em seu funcionamento psíquico mais arcaico.

Bettelheim (1980) produziu um trabalho clássico sobre a psicanálise dos contos de fadas, no qual sistematizou a importância dos contos no universo psíquico das crianças. Eles exercem uma função protetora nas crianças e apaziguam-nas de seus maiores temores.

Entre suas principais idéias está a de que os contos oferecem um sentido a situações que as crianças vivem e/ou viveram, o que já é por si um aspecto terapêutico. Ajudam as crianças na medida em que trazem fatos que elas vivem em seu inconsciente e com os quais podem se identificar, tendendo, assim, ao amadurecimento. Em síntese, auxiliam a transformar em fantasias representáveis o conteúdo do inconsciente, abrindo dimensões imaginárias (Bettelheim,1980).

Bettelheim enfatiza também a importância do conto, por ser um mediador que permite, à criança, elaborar seus conflitos psíquicos e também estimula a enfrentar seus afetos mais assustadores, mantendo, ao mesmo tempo, uma distância destes afetos. A psicanálise aproveita a riqueza das histórias como instrumento terapêutico nos processos de identificação e expressão de sentimentos.

Radino (2003) traz muitos conceitos parecidos com o de Bettelheim. Para ele, os contos de fadas representam as projeções de fantasias da humanidade e, por isso, conseguem atingir o inconsciente das crianças, sendo um importante instrumento para auxiliá-las a lidarem com a angústia, a superarem obstáculos e a projetarem conflitos, o que favorecerá o desenvolvimento de sua personalidade.

Os contos são carregados de representações psíquicas em uma linguagem poética. Transformam os desejos inconscientes, tornando-os aceitáveis à consciência. Com a ajuda da fantasia, a criança constrói uma linguagem não verbal, fazendo uma ponte entre seus mundos interno e externo, permitindo-a conhecer o seu mundo interior e a compreender a realidade que a cerca. Essas experiências estão em conexão com o processo de simbolização e, posteriormente, com o de sublimação, necessário para a inserção do indivíduo em um mundo cultural e social.

Assim, ao mesmo tempo em que alivia pressões inconscientes, os contos de fadas constroem um sistema metafórico e simbólico. Radino, aliás, tece comentários a esse respeito:

Os contos de fadas podem auxiliar a criança (...), justamente porque representações de acontecimentos psíquicos diferentes da realidade factual. Nos contos, são projetados fantasias inconscientes e universais, que tratam da realização de desejos e se relacionam a angústias inerentes ao processo de desenvolvimento (2003, p. 26).

O que é narrado nos contos pode ser presentificado em cada ouvinte justamente pelo fato de as histórias falarem dos mistérios da vida e de questões humanas que todos precisam elaborar, como conflitos, medos e angústias.

Em função de suas próprias características internas, a criança não consegue compreender suas dificuldades de forma racional como o adulto. Seu universo é diferente do nosso e sua forma de compreender o mundo é animista, tendo a fantasia um papel fundamental para mediar à relação entre seus mundos interno e externo (Radino, 2003, p.24).

Apesar de existirem várias pesquisas relacionadas à importância dos contos de fadas, ainda hoje existem adultos que acreditam que eles constituem uma forma de se escapar da realidade, de não vivenciar o mundo real. Contudo, sabe-se que na verdade os contos são um ponto de partida para o conhecimento do real. A fantasia é um importante elemento de organização simbólica (Radino, 2003).

Uma revisão bibliográfica mostra inúmeras experiências as quais demonstram a eficácia do conto como instrumento terapêutico. Herman (1997), Gardner (1971), Davies (1988), Miller e Boe (1990), além de Simonnet (1997. In: Gutfreind, 2003), mostram a utilidade dos contos de fadas no tratamento de quem sofreu abuso sexual. Krietemeyer e Heiney (1992) utilizaram o conto em psicoterapia de apoio feita em grupo, com o objetivo de ajudar as crianças portadoras

de câncer a resolverem seus conflitos psicológicos relacionados à doença. Rueveni (1995) destacou a eficácia do contos na terapia de pacientes que sofrem de dores de cabeça crônicas.

Gutfreind (2003) propôs um “Ateliê de Contos de Fadas”, no qual as crianças se encontravam uma vez por semana durante todo o ano letivo. Nestes encontros havia um *setting* terapêutico, ponto de partida para serem narrados os contos de fadas e, posteriormente, havia momentos de elaboração das histórias através de diversas atividades.

Por meio dessa experiência, Gutfreind constatou que os ateliês de contos ajudam as crianças a se construírem, à medida que podem se estruturar em torno de seus fantasmas. Auxiliam as crianças a encontrarem representações para seu sofrimento, ajudando-as a vislumbrar uma forma de expressão para o que as aflige (2003).

Os contos, em função de seus temas - intrigas comparáveis às da vida, com motivos humanos, como dizia Freud -, e de seus personagens, que evocam as figuras parentais, adaptam-se às necessidades individuais e estimulam o funcionamento psíquico infantil a se expressar por intermédio de desenhos e relatos de sonhos e de devaneios (Gutfreind, 2003).

De acordo com este autor, um dos benefícios mais significativos do ateliê de contos é o estímulo à atividade de simbolização, verbalização e abstração. Auxilia a criança a entrar no mundo da simbolização ao oferecer representações para seus principais dramas de forma não ameaçadora e, sim, lúdica, aberta, artística.

Segundo Bettelheim (1980), as experiências que envolvem a fantasia dão à criança a oportunidade de vivenciar, por transferência, sentimentos como a inveja, o

ciúme, o medo; enfim, aquilo que ela julga ser condenado pelos adultos e que a faria ser rejeitada socialmente.

Após vários estudos, Lafforgue (1995a) traz o que considera importante como técnica para ser aplicada em ateliês de contos: a atividade deve ocorrer em um ambiente apropriado e com um pequeno grupo de crianças. A ajuda de adultos mostra-se relevante, os quais denominou “guardiões do enquadramento”. Sugere, também, que cada sessão contenha três momentos: o de se contar a história, depois o de encená-la e, por último, o tempo para desenhar. É importante que seja marcado o momento do início e fim no mundo simbólico das histórias.

Brun (1993), em seu trabalho, diz que o conto pode ser utilizado de duas formas na psicoterapia: uma em que o terapeuta permanece atento à possibilidade de que o paciente traga o conto como material, ou o próprio terapeuta pode sugerir o conto como forma de abordar os conflitos do paciente.

Lafforgue (1995a) considera importante, como técnica para ser aplicada em ateliês de contos, a utilização de contos de fadas tradicionais, como: “Os três porquinhos”, “Chapeuzinho Vermelho”, “João e Maria”, “Branca de Neve”, entre outros.

Apesar dessa recomendação, percebe-se que, no momento atual da infância brasileira, as crianças estão próximas a histórias contemporâneas, transmitidas por mídia eletrônica, do que com a situação bucólica de uma sala onde uma família reunida escuta a leitura, realizada por um adulto, de um mundo de fantasias e encantos.

Entre os interesses mais presentes nas falas e brincadeiras infantis, observam-se as histórias e filmes de super-heróis. Frequentemente, as crianças desejam ser como eles, brincam e imaginam o mundo desses heróis, buscando realizar as mesmas

façanhas. Vestem seus uniformes, usam seus instrumentos e agem como se eles fossem.

A partir dessa observação, pode-se pensar que as histórias de super-heróis constituem-se em uma forma de contos de fadas contemporâneos, e que os trabalhos nos quais são utilizados os contos, na interlocução clínica, podem servir como paradigmas para a construção de Oficinas Terapêuticas, usando o tema de Super-Heróis como uma tela projetiva das vivências e fantasias infantis, a partir das quais se estabeleceria uma interlocução clínica.

O presente estudo encerra a proposta de realização de um trabalho de grupo por meio de Oficinas Terapêuticas de filmes de super-heróis, em que o terapeuta sugere o filme, como mediador terapêutico, e utiliza também de outros mediadores, como desenhos com tinta, jogos com massinhas e brinquedos estruturados.

O mediador terapêutico é uma tentativa de se conseguir chegar às fantasias e às angústias do paciente, momento em que o analista tem a função de interpretá-las com o propósito de ajudá-lo a melhor elaborar tal situação.

Capítulo IV

METODOLOGIA

A técnica desenvolvida na pesquisa é uma adaptação a partir da experiência de Gutfreind (2003), relatada em “O terapeuta e o Lobo”, com ateliês de contos de fadas e foi adaptada à população, à instituição e ao novo mediador utilizado.

Foi utilizada como técnica de trabalho, “Oficinas Terapêuticas” e não Ateliês, como proposto por estudiosos de contos de fadas. Isto aconteceu em função de características importantes presentes nas Oficinas, como o fato de ser um trabalho de curta duração, flexível, onde os encontros são estruturado com antecedência, tendo em vista sempre um tema gerador e um foco a ser trabalhado.

A intervenção desenvolveu-se em um contexto clínico, no Centro de Estudos e Pesquisa Psicológica da Universidade Católica de Goiás (CEPSI). O ambiente dos encontros era composto por uma sala ampla, sem interferências externas, própria para terapia de grupos, bem iluminada e ventilada. Havia, neste ambiente, colchonetes, televisão, DVD e materiais lúdicos como lápis preto e colorido, papéis, canetinha, tinta, cola colorida, massa para modelagem e brinquedos relacionados ao tema proposto.

Na busca de uma maior homogeneidade do grupo, a amostra que serviu de base para essa pesquisa foi composta por seis crianças, de ambos os sexos, com idades entre cinco e sete anos, de baixa renda e que frequentam escola. Todas essas crianças haviam buscado atendimento na instituição com queixas ligadas a problemas de relacionamento familiar, cada qual com uma queixa específica (ver Capítulo V - 5.1. Relato da História de Vida das Crianças). Este grupo teve caráter

fechado, ou seja, não foi permitida a entrada de nenhum membro após o início do trabalho.

O *setting* da presente pesquisa era bastante afetivo, vivaz e ao mesmo tempo protetor. Comportava os seguintes elementos:

- O pesquisador, com a função também de terapeuta - Esse modelo, de acordo com Gutfreind (2003), tem como função ser continente para a criança, abrindo assim um leque de possibilidades de transferência de figuras parentais, além de oferecer uma atmosfera lúdica e afetiva.

- A história de super-heróis como mediadora - Ponto em que se busca observar se a história de super-herói pode servir ao amadurecimento psíquico, dando um sentido ao que as crianças vivem, oferecendo-lhes fontes de identificação por intermédio dos personagens e das intrigas da história, como coloca Bettelheim (1976) sobre os contos de fadas.

- Desenvolvimento da sessão - Cada sessão comportava três tempos, em que todos deviam seguir: primeiro, o filme; segundo, tempo de palavras e diálogo sobre o momento que acabaram de vivenciar e, o terceiro, tempo para atividade lúdica.

- Os pacientes - Cada criança com sua história pessoal e vivências próprias.

Foram realizadas, no total, oito sessões com as crianças e duas entrevistas com cada responsável, sendo uma no início do processo e outra ao final. As sessões foram marcadas para uma vez na semana, no período matutino, com duração de uma hora. Apesar de conter um roteiro prévio, houve flexibilidade na maneira de trabalhar; deixei-me guiar pelos movimentos das crianças no decorrer dos encontros, com a tentativa de acolher a autenticidade dos movimentos afetivos e de suas

elaborações psíquicas. Na tabela abaixo, apresento um resumo do decorrer das sessões:

Tabela 1. Roteiro das sessões da pesquisa

<i>Roteiro</i>	
1ª sessão	- Entrevista com os pais/responsáveis das/pelas crianças. As entrevistas aconteceram em horários separados.
2ª sessão	- Primeiro encontro do grupo. - Apresentação. - Contrato sobre regras e sigilo. - Entrevista lúdica.
3ª sessão	- Segundo encontro do grupo. - Apresentação para os novos integrantes. - Contrato sobre regras e sigilo. - Entrevista lúdica. - Desenho.
4ª sessão	- Terceiro encontro do grupo. - Parte do filme “Os Incríveis” - Atividade Lúdica: Desenho.
5ª sessão	- Quarto encontro do grupo. - Outra parte do filme “Os Incríveis”. - Atividade Lúdica: Massa de modelar.
6ª sessão	- Quinto encontro do grupo. - Outra parte do filme “Os Incríveis”. - Atividade Lúdica: “Os Incríveis” em bonequinhos de plástico.
7ª sessão	- Sexto encontro do grupo. - Final do filme “Os Incríveis”. - Atividade Lúdica: Escolha livre da atividade.
8ª sessão	- Sétimo encontro do grupo. - Conversa informal sobre a parte do filme que mais gostaram, permitindo que a registrem da forma como quiserem. - Filme “Monstro por acaso”.
9ª sessão	- Oitavo encontro do grupo - Parte do filme “Os Incríveis” que mais gostaram - Atividade Lúdica: Escolha livre da atividade.
10ª sessão	- Entrevista com os pais/ responsáveis das crianças. As entrevistas aconteceram em horários separados.

As duas primeiras sessões foram “Entrevista Lúdica”, com o objetivo de se conhecer a realidade das crianças e também de observar suas atitudes diante do grupo, já que se trata de uma atividade que se relaciona perfeitamente com a forma de expressão própria da criança. No primeiro encontro vieram apenas três crianças; já no segundo, as seis.

Do terceiro ao sexto encontro foram utilizados, como mediadores terapêuticos, em parte das sessões, o filme “Os Incríveis” e, em seguida, uma atividade lúdica. Esse filme foi o escolhido pelas crianças, dentre as possibilidades apresentadas: “Batman” e “Os Incríveis”. Ele foi dividido em quatro etapas para ser passado a cada encontro. Na sétima sessão procurei realizar algo diferente: em um primeiro momento houve um pequeno debate acerca do filme “Os Incríveis”, a partir do qual cada um relatou a parte preferida do filme; em seguida, as crianças fizeram um desenho sobre essa parte. Em um segundo momento, assistiram “Monstro por acaso”, um filme que não é de super-heróis e, sim, de terror, que foi introduzido em decorrência de insistentes pedidos das crianças.

Para a última sessão, escolheram ver novamente a parte do filme “Os Incríveis” que mais gostaram e, ao final, foi realizado um fechamento. A técnica utilizada nesse momento correspondeu a Oficinas Terapêuticas em grupo, com a técnica da psicanálise de criança, que busca investigar o Inconsciente por intermédio de um mediador, que é tradicionalmente conhecido como a técnica do brincar.

Como facilitadora, durante a apresentação do filme procurei acompanhar as crianças exercendo, desse modo, uma função contenedora, de apoio e proteção à elas.

A escolha da entrevista como instrumento capaz de avaliar a evolução da criança baseou-se no fato de que toda a evolução ou mudança acarretaria também

mudança de comportamentos, possíveis de se perceber em casa e também na escola. Por esse motivo, na entrevista de fechamento das Oficinas solicitei e analisei o que os pais e/ou responsáveis e, também, a escola, disseram notar de diferente na criança nesse período. As etapas e os instrumentos da pesquisa encontram-se na tabela 2.

Tabela 2. Etapas e Instrumentos da Pesquisa

<i>Avaliação das crianças antes do início das Oficinas</i>	<i>Intervenção clínica – As oficinas em si (8 sessões)</i>	<i>Avaliação das crianças depois do fim das Oficinas</i>
- Entrevista com pais/responsáveis.	- Relatório de cada sessão. - Material produzido na sessão.	- Entrevista de fechamento das Oficinas. - Observações das crianças durante as sessões. - Análise das sessões.

O encontro com os pais foi de muita relevância e o mesmo ocorreu em forma de entrevista aberta, no modelo que Bleger (1980) propõe, maneira pela qual foram colhidos dados sobre a história de vida das crianças, sobre as queixas dos pais e/ou responsáveis. Também foram feitas algumas indagações pertinentes ao trabalho em desenvolvimento, o que me serviu como subsídio para proceder a algumas intervenções. A entrevista teve como objetivo, no presente estudo, servir como avaliação externa das mudanças que aconteceram com as crianças no período em questão.

O relatório das sessões, que se encontra em anexo, é uma das fontes mais importantes da pesquisa, consistindo na observação e abordagem de todo material clínico assinalado pela facilitadora.

Capítulo V

RESULTADOS

Em busca de tornar mais clara a experiência clínica das oficinas terapêuticas, os resultados estão organizados da seguinte forma: em primeiro lugar, são apresentadas as histórias de vida das crianças; em seguida, são relatadas algumas passagens importantes das sessões¹. Posteriormente, apresento os dados clínicos levados pelos pais ou responsáveis sobre as evoluções das crianças no período.

5.1. Relato da História de Vida das Crianças

Clarc Kent²

Clarc, seis anos, tem duas irmãs; é o filho do meio. Sua irmã mais velha tem onze anos e a mais nova, que é fruto do relacionamento da mãe com o padrasto, um ano e oito meses. Seu pai teve um relacionamento de onze anos com sua mãe, mas faleceu há cinco meses. Também o seu padrasto faleceu recentemente (três meses). Atualmente, mora com a mãe, duas irmãs e a avó materna.

Quando a mãe engravidou de Clarc, o pai não aceitou; disse que queria ter apenas uma filha e pediu a ela que não tivessem a criança. Contudo, a mãe resolveu ter o filho mesmo que ele não quisesse. Segundo a mãe, o pai sempre rejeitou o filho, não gostava dele e o tratava com ignorância.

Enquanto eram casados, os pais brigavam muito e os filhos sempre presenciaram as brigas, que até então eram brigas sem violência física. Ficaram

¹ As informações literais das sessões estão anexas; neste momento serão relatados apenas trechos importantes.

² Nome fictício baseado em nome de Super-Heróis.

casados até quando Clarc estava para completar três anos, e separaram-se após uma briga na qual o pai agrediu a mãe fisicamente. Após a separação, o pai voltou a morar no Pará, junto à sua família.

O contato do pai com os filhos era constante, sempre ligava e procurava encontrá-los. No entanto, antes de sua morte já havia bastante tempo que não ligava e nem os via. A última vez que eles se falaram foi em fevereiro de 2007, no aniversário de Clarc. E o pai foi enterrado no Dia dos Pais do mesmo ano.

Clarc nasceu no Pará, onde morava com a mãe, o pai e a irmã. Moravam perto da família do pai. Quando Clarc completou nove meses, foi desmamado à força, pois a mãe descobriu que estava com câncer no colo de útero e precisava vir a Goiânia fazer tratamento. Deixou Clarc e a irmã com a avó paterna no Pará. Voltaram a se ver após quarenta dias.

De acordo com a mãe, Clarc não queria mais saber dela quando voltou; chegou mesmo a rejeitá-la por alguns dias. Quando necessitou retornar a Goiânia para fazer revisão, Clarc estava com um ano e seis meses. Resolveram, ademais, mudar com os filhos e morarem em Goiânia.

Após a mudança de Estado e cidade, apenas a mãe passou a trabalhar para sustentar a casa. O pai ficava o dia todo em casa, jogando vídeo-game. Quem cuidava de Clarc era sua irmã.

Depois da separação, a mãe começou a namorar outra pessoa e engravidou. O padrasto foi, então, morar com a família. Clarc sempre brigou muito com a irmã mais nova, nunca teve paciência com ela e, por ser maior, sempre batia nela. Seu relacionamento com o padrasto era bom; Clarc o respeitava e gostava dele.

Quando recebeu a notícia da morte do pai, que foi por acidente de moto, a avó materna levou Clarc e a irmã ao enterro no Pará. Desde que voltou de viagem, a

mãe e a escola têm notado que Clarc encontra-se nervoso e brigão. O encaminhamento para um acompanhamento psicológico partiu da escola.

Após poucos meses da morte de seu pai, Clarc perdeu o padrasto, assassinado. A mãe teve medo de contar a verdade a Clarc e, assim, após conversar na escola, resolveu esconder o assunto dele. Porém, Clarc estava percebendo tudo o que estava acontecendo e questionou a mãe. Disse a ela estar ciente de sua lealdade, pois sempre falou a verdade, em qualquer situação, e, dessa forma, deixou claro que queria saber o que estava acontecendo. Então a mãe contou-lhe que seu padrasto havia falecido.

Após um mês da morte do padrasto, Clarc perdeu a cachorra atropelada por um ônibus, na rua de sua casa. Nesse dia, Clarc disse a sua mãe que quem devia ter morrido era ele, porque assim ela não teria mais trabalho com ele.

Clarc sempre gostou de brincar na rua, mas ele e sua família moram em uma área muito movimentada e perigosa e, em decorrência desse fato, sua mãe não lhe permite ficar na rua. Depois de ocorrer a morte da cadela, a mãe mostrou a ele o porquê de ela não gostar que ele brinque na rua, pois poderia acontecer a mesma coisa com ele.

Clarc sempre gostou de chupeta e, na semana da entrevista com a mãe, ela disse que a madrinha de Clarc havia prometido a ele um carrinho de controle remoto caso largasse a chupeta. Anteriormente, já havia tentado largá-la várias vezes, mas logo que os pais se separaram, voltou; quando a irmã mais nova nasceu, tinha novamente pouco tempo que tinha largado e voltou a depender da chupeta. Quando o pai faleceu aconteceu a mesma coisa. Mama ainda hoje na mamadeira.

Bruce Wayne³

Compareceram para a entrevista o pai e a mãe de Bruce, criança com sete anos. Ele vive com pais adotivos, mas ainda mantém contato com a mãe biológica. Sua adoção não foi judicialmente resolvida. Sabe de toda sua história: como foi que se encontraram pela primeira vez, como passou a morar com eles e desde quando. Tem uma irmã de 13 anos da mãe biológica, que sempre que possível passa o fim de semana com ele na casa dos pais adotivos. Tem também um irmão mais velho, de 24 anos, filho dos pais adotivos.

Segundo os pais, Bruce é uma criança muito esperta e inteligente. “Sua inteligência está acima das crianças da mesma idade, pois aprende tudo muito rápido.” Acreditam também que seja hiperativo. Relatam que ele gosta muito de ler; é o que o faz parar quieto. Pretendem colocá-lo em algum esporte para que gaste mais energia.

Bruce frequentemente tem crise de nervos em casa e grita muito, “fica se espremendo todo como se estivesse segurando sua raiva para não deixá-la destruir nada”. A professora disse que ele não apresenta esse comportamento na escola.

Os pais relataram que de vez em quando ameaçam devolvê-lo para a mãe, principalmente quando está em crise de nervos. Comentam também que sempre que contam a sua história, de como foi encontrado e de como as coisas aconteceram para que ficasse com eles, Bruce diz que já sabe de tudo e pede para pararem. Não gosta de escutar.

A história de Bruce é a seguinte:

Seus pais adotivos tinham costume de almoçar em um restaurante perto de casa. Um dia, escutaram o choro de uma criança durante todo o almoço. Perguntaram

³ Nome fictício baseado em nome de Super-Herói.

a dona do restaurante de onde vinha aquele choro, e ela lhes contou que vinha da cozinha. Relatou que a cozinheira tinha um filho que estava com cinco meses e não tinha onde deixá-lo para ir trabalhar.

Pediram para ir até a cozinha ver a criança. Bruce estava dentro de uma caixa de papelão, no meio da cozinha, que estava muito suja. Ele estava todo sujo e cheio de feridas no rosto. Comovida com o que viu, perguntou à mãe da criança se podia levá-lo para a casa e dar um banho nele, pois morava ali perto. Ela permitiu. A partir desse dia, começaram a fazer isso sempre; passavam no restaurante, pegavam a criança e ficavam com ele até a hora da mãe sair do trabalho.

Depois de algum tempo o restaurante fechou e eles ficaram dois meses sem ter notícias de Bruce. Foram atrás e encontraram a mãe morando em um barracão. Alugaram um barracão melhor e perto da casa deles e a levaram para lá com os filhos. Assim, enquanto a mãe ia trabalhar Bruce ficava na casa da mãe adotiva. Aos poucos ele começou a dormir lá, e foi ficando.

Hoje a mãe biológica mora com outro homem e com a filha. Segundo a mãe adotiva, Bruce não gosta do atual marido da mãe e prefere não encontrá-los. Nas últimas férias, sua irmã passou vários dias com ele na casa dos pais adotivos.

O irmão de Bruce não tem uma boa ligação com ele; brigam muito. Segundo os pais, o irmão mais velho não quer dividir seus bens com Bruce. Esse é um dos motivos pelos quais ainda não fizeram o processo de adoção de Bruce.

Os pais, já na primeira entrevista, foram orientados a não ameaçar Bruce, dizendo que o devolveriam à mãe, pois isso poderia ser a causa da insegurança e fantasia de abandono. Foram orientados também a não terem o hábito de ameaçá-lo e depois não fazer o que foi dito. É uma forma de cobrar e impor limites, possibilitando que ele aprenda o que realmente é certo fazer.

Peter Parker⁴

A mãe compareceu para a entrevista. Ela estuda pela manhã e trabalha até 22h. Disse que quem estaria levando Peter, de cinco anos e meio, às sessões, seria o pai. Ele faltou a duas sessões. Por fim, a mãe resolveu matar aula para levá-lo, uma vez que percebia o quanto era importante, ao passo que o pai achava ser uma bobagem.

A mãe ficou grávida aos 16 anos. Na época, os pais eram apenas namorados e tiveram muito receio da forma como os pais dela iriam receber essa notícia. Seu pai chegou a ser internado por causa de pressão alta e sua mãe rejeitou Peter no início. Seu namorado sempre a apoiou, no entanto ficou afastado por um mês por causa da reação dos sogros.

A mãe relatou que a gravidez foi muito perturbada e difícil. Chorou a gestação toda. No início, apesar do apoio do namorado, pensou em tirar o bebê, já que seus pais não aceitavam, mas depois desistiu. Casaram-se quando Peter tinha dois anos e seis meses. O pai sempre foi muito presente, mesmo antes de se casarem. Fazia questão de vê-lo todos os dias.

Hoje Peter tem um irmão de um ano e um mês. Moram no fundo da casa da avó materna, que intervém muito na criação de Peter. Repete sempre à filha que ela não sabe criá-lo. A mãe de Peter relata não gostar dessa intervenção de sua mãe, mas diz não conseguir colocar limite e que, às vezes, acredita mesmo que não sabe educá-lo bem.

Peter largou o bico, por vontade própria, com um ano; a mamadeira foi tirada por meio de conversa quando ele tinha três anos. Após a chegada do irmão mais novo, Peter tem apresentado muitos comportamentos de ciúmes.

⁴ Nome fictício baseado em nome de Super-Herói.

Ele frequenta escola desde os dois anos de idade e nunca havia apresentado dificuldade de relacionamento com colegas. Contudo, recentemente a professora chamou a mãe na escola e disse que Peter anda agressivo. Essas reclamações na escola começaram após a chegada do irmão e a professora orientou a mãe que procurasse uma psicóloga.

Peter conta à mãe que tem uma namorada na escola e, segundo sua mãe, essa menina parece até sua filha, do tanto que se parece fisicamente com ela.

Em casa, Peter não apresenta atitudes agressivas, como é relatado na escola. Ele é muito obediente e chora muito, geralmente sozinho. Quando a mãe questiona o porquê de estar chorando, diz não ter motivo, apenas por querer chorar.

De acordo com a mãe, o pai não dá muita atenção a Peter, mas brinca muito com o irmão mais novo. Peter não gosta de brincar com o irmão, uma vez que ele sempre o morde. A mãe chama-lhe a atenção e diz a Peter que ele não deve deixar o irmão bater nele; afinal, é mais velho e consegue segurá-lo.

A mãe relata também que acredita que Peter sente muito a sua falta e que nessas últimas férias aproveitou muito para brincar e estar com ele. Ele sempre faz questão de lembrá-la o quanto foram bons os momentos que passaram juntos.

Como a mãe chega tarde do trabalho e sai antes das sete para a faculdade, Peter busca dormir tarde para encontrá-la à noite. Segundo ela, sempre quando chega do trabalho fica por um tempo com ele e, depois, coloca-o para dormir.

Diana⁵ e Barry Allen⁶

Primeiramente, quem compareceu à entrevista foi uma jovem da igreja que a família de Diana, sete anos, e Allen, seis anos, frequentam. Ela disse que seria muito

⁵ Nome fictício baseado em nome de Super-Herói.

⁶ Nome fictício baseado em nome de Super-Herói.

difícil conseguir levar a avó, responsável das crianças, para a entrevista, pois ela não vê necessidade de acompanhamento psicológico. Foram colhidos todos os dados que ela tinha sobre as crianças e, ao final, foi orientada a insistir com a avó para ir à entrevista, para que mais dados pudessem ser obtidos.

Dois dias depois foi marcada uma entrevista e quem compareceu à mesma foi uma tia que mora com eles. Não sabia dizer muitas coisas sobre as crianças. Apenas relatou os episódios de morte que têm enfrentado e disse que é apenas o que sabe.

Os dois moram com a avó, uma tia e vários primos em um barracão. Têm uma vida financeira bem difícil. Toda a família, composta por 12 pessoas, vivem com a renda de um salário mínimo e mais as ajudas que recebem da igreja.

Diana perdeu a mãe aos dois anos de idade, quando ainda se amamentava. Ela foi assassinada e Diana, que estava em casa no momento, presenciou tudo. Atualmente, Diana frequenta escola e tem muita dificuldade na aprendizagem. É uma criança, segundo a tia, “birrenta” e carente; briga e xinga muito.

A mãe de Diana era usuária de drogas, assim como muitos membros da família que vivem com ela. Tem um primo de 12 anos já totalmente envolvido com drogas. A região é bem perigosa e as crianças ficam o dia todo na rua.

Allen perdeu a mãe em janeiro de 2008. Também foi assassinada e estava ligada a problemas com drogas. Ele anda muito agressivo ultimamente. Fica o dia todo na rua. Já apanhou várias vezes dos policiais que fazem ronda na região. A tia diz que isso é bom porque assim ele fica mais esperto e evita se envolver com as drogas.

Nenhuma das duas crianças tem contato atualmente com os pais.

Quem as levou às sessões foram pessoas da sociedade, empenhadas em auxiliar a família; Marta, a jovem da igreja, seu irmão e, às vezes, o pastor.

Dick Grayson⁷⁷

A mãe de Dick, seis anos, foi para a entrevista. Disse que teve o Dick aos 42 anos e que ele é um presente de Deus, pois ela não podia mais ter filhos e Deus a abençoou com ele. Dick tem uma irmã de 17 anos, filha de outro pai. Os dois são como “cão e gato”, de acordo com as considerações da mãe.

O pai de Dick nunca aceitou a gravidez e sempre o rejeitou e o rejeita até hoje. A mãe sofreu muito quando descobriu a gestação, chorava muito e trabalhava muito na época. Entrou em trabalho de parto prematuramente (um mês antes do tempo). Teve que parar de trabalhar, ficar em repouso e, assim, Dick nasceu com 37 semanas.

Dick sempre presenciou briga dos pais. Hoje eles estão separados. O pai algumas vezes trata de levá-lo para sair, mas nem sempre aparece.

Dick tem também irmã por parte de pai. Ela tem uma filha. Toda vez que o pai marca de sair com Dick, sua irmã também vai e leva a filha. Segundo a mãe de Dick, ele fica muito triste por sair com eles, visto que o pai não lhe dá atenção, apenas à neta.

Várias vezes o pai disse a Dick que não gosta dele. Mas mesmo assim Dick diz à mãe que não aceita que ela se case com outra pessoa, pois ninguém irá tomar o lugar de seu pai. Por conseguinte, ao mesmo tempo costuma questionar a mãe se pode chamar o próximo marido dela de pai, sendo que a mãe nem namorado tem.

A mãe de Dick disse que talvez faltariam em algumas sessões, considerando que o dinheiro que tem para viver nem sempre dá para o ônibus. Contudo, afirmou que sempre que não pudessem ir, ligaria avisando. Dick participou apenas de duas sessões e, depois, a mãe ligou dizendo que ele não queria mais ir.

⁷⁷ Nome fictício baseado em nome de Super-Herói.

5.2. Relato do Processo Clínico

As sessões, como já descritas anteriormente, desenvolviam-se em três tempos. O primeiro, no qual assistiam a um filme de super-herói; o segundo, o momento do diálogo, seguido de uma atividade lúdica.

Nesta primeira parte, o grupo instalava-se em um canto da sala criado especificamente para essa atividade, com o intuito de marcar o que Gutfreind (2003) denominou como “espaço das histórias”. Segundo o autor, é importante que o espaço ganhe um valor simbólico.

Durante esse período, as crianças permaneciam sentadas em colchonetes e almofadas, em frente à televisão. Eu permanecia, durante todo o filme, sentada entre as crianças, buscando exercer o papel de continência e possibilitando as trocas entre as crianças.

No momento do diálogo, geralmente as crianças encontravam-se dispersas na sala e não mais sentadas nos colchonetes. Alguns até imitavam gestos que acabaram de ver no filme. As crianças apresentavam nesta hora muita agitação e todos queriam falar ao mesmo tempo e compartilhar as cenas das quais gostaram. Essa etapa era bastante curta; durava em torno de 5 a 10 minutos apenas.

Em seguida, iniciavam-se as atividades lúdicas. Esse era um momento bastante flexível das sessões, já que cada dia acontecia de uma forma específica, conforme já mencionado anteriormente. Durante essa fase, as crianças ficavam à vontade na sala e podiam utilizar todo o material disponível, bem como todo o espaço físico.

Foram ao primeiro encontro, que tinha por finalidade ser uma Entrevista Lúdica, apenas três crianças: Bruce, Peter e Dick. A sala estava organizada com

todos os materiais necessários, com acréscimo de brinquedos, vestimentas e instrumentos ligados a diferentes super-heróis. As crianças ficaram primeiramente observando e mexendo em tudo por alguns minutos.

Após esse momento, houve a apresentação de cada um e também o contrato das sessões, em que foram estabelecidas questões sobre os horários, sigilo e papel de cada um. Neste momento, foi questionado quem sabia o que era psicóloga (facilitadora) e o porquê de estarem ali. Bruce disse que sabia, mas não quis dizer o que era; parecia estar um pouco tímido. Então, contei a eles qual a minha função, dizendo que psicólogo ajuda as pessoas quando elas têm alguma coisa que as deixa tristes ou que não vai bem. Nesse momento, perguntei às crianças se havia alguma coisa em que eles poderiam ser ajudados. Bruce e Peter, de prontidão, responderam que não, enquanto que Dick ficou observando silenciosamente.

No primeiro dia, por se tratar de uma entrevista lúdica, foi dito a eles que seria um momento livre, no qual poderiam escolher o que gostariam de fazer e que eu apenas os observaria.

Para o segundo encontro foram todas as crianças: Bruce, Dick, Peter, Diana, Allen e Clarc. Uma nova apresentação foi feita e também foi repassado o contrato da sessão. Na apresentação, cada um dizia seu nome, o que mais gostava de fazer e o nome de um super-herói que gostasse muito. Ao final da sessão, fizeram um desenho de seu herói preferido e ficou combinado que no encontro seguinte iriam assistir parte de um filme de super-heróis. Bruce perguntou se ele podia levar um filme como sugestão e ficou acordado que sim.

Chegaram para a terceira sessão bastante agitados e Bruce carregava o filme “Monstro por acaso”. Eu havia levado “Os Incríveis” e “Batman”. Foi consenso geral assistir “Os Incríveis”. Assistiram parte do filme. Em seguida, perguntei sobre

o que mais gostaram no filme e, como atividade lúdica, solicitei que cada um desenhasse a parte que mais gostou.

No encontro seguinte, a quarta sessão, houve uma revisão através dos relatos das próprias crianças, como o que havia acontecido no filme, e assistimos a mais uma parte. Durante o relato, contaram exatamente as partes que mais haviam gostado e que haviam desenhado no encontro anterior. Neste dia, a atividade lúdica foi com massa de modelar, sendo que a maior parte do tempo as crianças brincaram sozinhas.

Na quinta sessão, assim como na anterior, foi passada outra parte do filme, precedida por uma retrospectiva feita pelas próprias crianças. Logo em seu início, viram que havia bonecos de “Os Incríveis” no canto de brinquedos da sala e as crianças foram pegá-los. Foram lembrados, então, do contrato e das etapas da sessão e que eles teriam tempo para brincar após assistirem ao filme. Pediram para assistir ao filme com os bonecos nas mãos, e foi acordado que poderiam sim, caso não ficassem brincando durante o filme. A atividade lúdica neste dia foi com os bonecos dos super-heróis.

Foi a primeira vez, durante parte dessa atividade lúdica, que as crianças brincaram entre si ao invés de brincarem sozinhas. Encerrar a sessão nesse dia pareceu-me muito difícil; as crianças não queriam parar de brincar. Foi necessário fazer um acordo de que, no encontro seguinte, teriam como atividade lúdica os bonecos novamente.

Ao chegarem para a sexta sessão, foi dito às crianças que aquele seria o último dia desse filme, que chegaria ao final. Iniciei uma votação para ver o que gostariam de assistir no próximo encontro e pediram um filme de terror. Bruce sugeriu o mesmo que levou como opção no início, “Monstro por acaso”. No entanto, disse que não era de terror e sim de monstro. E assim ficou combinado.

A sétima sessão teve o processo inverso das outras sessões; primeiramente solicitei que lembrassem a parte que mais haviam gostado de todo o filme “Os Incríveis” - momento do diálogo -; depois, sugeri que a desenhassem – atividade lúdica -. Por último, o filme “Monstro por acaso”.

Para a oitava sessão combinamos que eles iriam rever a parte que mais gostaram do filme “Os Incríveis”. Então, o início desta sessão se deu com uma discussão para saber qual parte do filme eles iriam rever.

Após lembrarem várias partes, decidiram assistir a partir da briga em família na hora do jantar, em que os super-heróis, mesmo estando proibidos de usarem seus super poderes, usam-no, até a parte em que todos lutam na floresta. Para a terceira etapa da sessão havia todos os tipos de material na sala. Estavam muito agitados e inquietos.

Quando o último encontro foi encerrado, todos se despediram e, assim, marquei um horário de entrevista de devolução com cada um dos pais e/ou responsáveis.

Clarc Kent

Clarc compareceu a partir do segundo encontro. Quando foi se apresentar, disse gostar de brincar de carrinho de controle remoto e que o Super-Herói que mais gosta é o Super-Homem.

A primeira atitude de Clarc, na sessão de entrevista lúdica, foi ir direto ao canto do consultório no qual se encontravam os brinquedos ligados aos super-heróis.

Quando solicitado o desenho do herói, Clarc não gostou e disse que não queria fazer. Por conseguinte, após ser lembrado do contrato das sessões, aceitou e desenhou um Batman.

Sempre nos momentos das apresentações do filme Clarc ficava bastante inquieto, geralmente brincava com outra criança ou sempre fazia algo para chamar a atenção, sem muito limite. Ao final, quando havia o momento do diálogo, sempre trazia parte de passagens do filme assistido.

As partes do filme “Os Incríveis” que Clarc trouxe como as que mais chamaram sua atenção e que mais gostou, foram o momento em que há uma explosão de uma estrada de ferro e o Senhor Incrível para um trem com a força de seu braço; e também um outro momento em que o Senhor Incrível está lutando e cai na água e, em seguida, estoura uma bomba que o lança para longe. Alguns de seus desenhos, como solicitado, representavam essas partes do filme e tinham sempre uma tonalidade de violência.

No dia em que os bonecos estavam disponíveis para brincar, Clarc assistiu ao filme com a Senhora Incrível em suas mãos, e brincou em seguida de luta com o Bochecha (o vilão) e a Senhora Incrível. Em um dos momentos, fazia a Mulher Elástico saltar alto e se esconder, como forma de defesa e, posteriormente, fazia-a atacar Bochecha. Também protagonizou uma luta da Senhora Incrível e do Bochecha contra o bebê e o Senhor Incrível, que estava com Peter.

No dia em que procedi à votação para saber qual filme eles assistiriam após o término de “Os Incríveis” (um dia em que as crianças estavam muito agitadas), Clarc foi a criança que mais insistiu na possibilidade de ser passado um filme de terror, pois disse “eu gosto de sentir medo”. Ao ser questionado sobre o que faria quando estivesse com medo, Clarc disse que pularia da janela (mostrou a janela do terceiro andar). Eu disse a ele que dessa forma ele se machucaria e não resolveria o problema; portanto, seria melhor encontrar outra forma de resolvê-lo.

No último dia, em certo momento disse: “A minha mãe é igual essa daí!” E quando questionado sobre o que queria dizer com isso, respondeu: “elas são iguais, fazem as mesmas coisas, dão broncas, falam o que pode e o que não pode”.

A mãe de Clarc teve muita dificuldade em ir à entrevista final, alegando problemas de saúde; foi remarcada três vezes.

Bruce Wayne

Na primeira sessão, ao encerrar as apresentações e combinações que foram feitas, Bruce foi direto aos brinquedos de super-heróis: vestiu a capa do Batman e sua máscara e brincou com Peter, o qual se vestia de Homem Aranha. Posteriormente, mexeram em outros brinquedos na sala, como livros, almofadas e foram desenhar. Durante as duas primeiras sessões, Bruce passava grande parte do tempo atento ao que os colegas diziam e os corrigia sempre que uma palavra era dita incorretamente.

Quando foi solicitado que dissesse o que mais gosta de fazer, não conseguiu selecionar uma opção; disse que gosta de tudo e também não disse qual super-herói era o seu preferido. No momento de fazer o desenho de um herói, Bruce disse que não tinha um herói, e foi explicado a ele que deveria escolher um herói, e não um super-herói. Assim, ele perguntou se podia desenhar, como o seu herói, seu pai. Respondi que sim, mas, por fim, ao olhar os colegas desenhando, optou por desenhar o Batman.

Nas sessões de Entrevista Lúdica, Bruce brincou com os super-heróis, pegou livros de histórias para ler, montou estrada com blocos de montar e fez desenhos com tinta.

Durante as apresentações do filme, Bruce sempre se concentrava e não ficava conversando com ninguém, apenas prestava atenção. Fazia questão de participar de forma bastante comunicativa no momento do diálogo e também de contar aos colegas o que havia acontecido nos encontros anteriores. Em todas as sessões participava bastante, dava sugestões às questões levantadas (como a escolha dos filmes, possíveis resoluções de alguns problemas que apareciam, dentre outros) e também participava levantando as partes que mais havia gostado do filme. Na primeira parte, disse que o melhor foi o momento da briga em família durante o jantar. Outro dia, disse ter gostado muito da parte em que a Senhora Incrível, Flecha e Violeta caem na água e formam um barco para nadar até a ilha. Na última parte do filme, Bruce relatou que o que mais gostou foi ver Flecha utilizando de seu super poder ao correr entre as plantas e sobre a água, e do bebê revelando seu super poder ao final. Nesse momento, pontuei a ele dizendo que: *você viu como inclusive crianças pequenas podem se defender e escolher o que querem?! Assim como você pode escolher como deseja sua vida. Depois de escolher, é só agir para que aconteça.*

Sempre quando solicitado que fizesse um desenho, apresentava certa dificuldade, dizendo não saber desenhar; porém, eu sempre o incentivava a fazê-lo.

No dia em que a atividade lúdica oferecida era massa de modelar, Bruce disse que não podia brincar de massinha, considerando que sua mãe não o deixava brincar sem luvas, já que suja as unhas. Mas conversei com ele e disse que sua mãe havia dado autorização para tal. Saiu correndo pela sala de alegria e logo pegou sua massinha. Em um momento quis usar uma massinha que estava com outra criança que não quis emprestar a ele. Sua reação foi apenas de ficar olhando; não insistiu.

Muitas vezes Bruce observava o que seus colegas estavam fazendo e copiava: assim fez com o desenho do herói, ao brincar de massinha; viu que Allen havia feito um Batman e copiou, assim como copiou também na construção do time de futebol.

Ao montar o time de futebol, Bruce também disse que iria fazer o jogo do Batman contra alguém, e quando questionado contra quem, ele disse que ainda não sabia. Juntou várias massinhas para montar uma trave bem grande.

Sempre que possível, Bruce ficava com o boneco do Flecha em mãos. Em uma das sessões, brincou o tempo todo com Violeta e Flecha: ficava utilizando dos super poderes dos irmãos, a Violeta ficava invisível e o Flecha correndo. Em um momento, pegou o Bochecha e protagonizou uma luta dos irmãos contra ele.

Para a entrevista de devolução de Bruce, apenas o pai compareceu e já era a segunda vez que o seu horário era remarcado; disse disponibilizar de pouco tempo no momento.

Peter Parker

Após o contrato feito no primeiro encontro, Peter foi correndo em direção aos super-heróis. Começou a brincar com eles, a vestir suas roupas e uniformes; vestiu a máscara do Homem Aranha, e a luva que simula soltar teia. Durante os primeiros encontros, ficava o tempo todo contando aos colegas que tinha aqueles brinquedos em casa. Em suas brincadeiras, sempre procurava estar junto a outras crianças, quase nunca brincando sozinho. No entanto, apresentava uma certa dificuldade em dividir os brinquedos.

Ao se apresentar, disse que o que mais gostava de fazer era brincar de carrinho de controle remoto e que seu super-herói predileto era o Homem Aranha, que foi desenhado ao final da sessão.

Peter passou praticamente toda a sessão, em que havia os acessórios e roupas de super-herói, brincando com estes. Gostava mais de vestir-se de Homem Aranha.

Peter faltou no total a três sessões, mas sempre que estava presente se apresentava como uma criança com muita energia, bastante inquieto.

Segundo seus próprios relatos, a parte que levantou como a predileta do filme “Os Incríveis” foi o momento em que a Senhora e o Senhor Incrível estão no telhado e prendem o ladrão.

Em uma das sessões, Peter, que estava com o Senhor Incrível e com o bebê, após lutar contra o Bochecha e a Senhora Incrível, e contra os irmãos Violeta e Flecha, protagonizou uma luta entre o Senhor Incrível e o bebê. Ele disse que era o Senhor Incrível e nesse momento chutou o bebê, que foi jogado distante.

Na última sessão, Peter pegou o boneco do Senhor Incrível e fez um desenho; resolveu copiá-lo em uma folha.

O contato com a mãe de Peter era bastante acessível, estava sempre disposta a fazer o melhor possível. Relatou que as faltas do filho se deviam ao fato de que aqueles dias o pai era o responsável em levá-lo às sessões, dizendo achar esse procedimento desnecessário. Na última sessão, Peter compareceu apenas porque a mãe resolver faltar à sua aula na faculdade, por saber da importância do acompanhamento psicológico do filho.

Barry Allen (Allen)

Ao se apresentar, Allen afirmou que gostava do Batman e de jogar futebol. Seu primeiro movimento, no dia da Entrevista Lúdica, foi em direção aos acessórios de super-heróis; colocou a máscara e a capa do Batman. Posteriormente, folheou os livros que estavam à disposição e, mais ao final, foi fazer uns desenhos.

Passou o tempo todo, nas primeiras sessões, sozinho, sem fazer muito contato com outras crianças. Mas sempre buscava estar bem perto da mim. Sempre que ia desenhar, Allen dizia não conseguir e pedia meu auxílio. No primeiro dia quis desenhar uma árvore; então se aproximou e pediu-me que desenhasse o caule, visto que ele não conseguia. Questionei o motivo pelo qual ele achava que não conseguiria sozinho, ao que respondeu que simplesmente não dava conta. Insisti e disse a ele que tinha certeza que conseguiria, que ele poderia tentar, que eu estaria ali, ao seu lado para ajudá-lo. Então, Allen desenhou o caule e disse: *Viu? Não sei, olha como tá feio!* Neste momento, foi mostrado a ele que conseguia sim, pois o havia feito e estava muito bonito.

Para fazer o desenho de seu herói preferido, olhou o desenho do colega que havia feito o Batman e o copiou; outro dia, viu Peter desenhando o boneco do Senhor Incrível e resolveu fazê-lo também. Assim que iniciou novamente pediu-me que desenhasse para ele, já que, segundo ele, não sabia desenhar. Eu lhe disse que podia desenhar como sabe, que o importante era fazer o seu desenho. Tão logo Allen terminou o desenho que fez com minha presença ao lado durante todo o tempo, procurei mostrar a ele que sabe, sim, desenhar; que seu desenho havia ficado bonito! Disse também que Allen precisava confiar mais em si, que ele era muito bom e parecia não saber disso.

Em uma das sessões, Allen chegou reclamando muito de cansaço e de fome. Segundo ele, não havia comido nada até aquele momento e disse que foi dormir muito tarde, tendo dificuldade para acordar naquela hora.

Em todas as sessões, durante a apresentação do filme, Allen ficava bem próximo a mim. Nos dois primeiros dias, pedia para colocar a cabeça em meu colo.

Não assistia ao filme muito quieto; gostava de perturbar os colegas, buscava chamar a atenção deles.

Em uma das passagens do filme, Allen comentou que o Senhor Incrível deveria rolar para ir mais rápido e, no mesmo momento, ele, que estava correndo, começou a escorregar. Então, Allen disse: *Os super-heróis escutam o que a gente tá falando, né?! A facilitadora questionou o porquê de ele achar isso e ele disse que o Senhor Incrível o escutou e passou a rolar ao invés de correr.*

A parte que Allen trouxe como sua preferida foi o momento em que o Senhor Incrível salva o gato em cima da árvore. Um outro dia, ao final do filme, Allen soltou um grito dizendo: *eu sou o Flecha!* e, em seguida, começou a imitá-lo correndo. Questionei, então, acerca do que ele mais havia gostado no Flecha e ele disse que era a forma como ele corria. Perguntei-lhe: *ah é, então você gostou dele pelo fato de ele possuir super poderes? Ou seja, dele ser especial, né?* Allen respondeu-me: *É!* Facilitadora: *Mas você também pode ser especial, não precisa ter super poderes para isso!*

Com o passar das sessões, foi aos poucos se envolvendo mais e brincando mais com os colegas, mas não gostava de compartilhar nada. Em uma sessão em que brincava de modelagem, um colega quis emprestado um pedaço de sua massinha que não estava usando, mas Allen não quis emprestar. Daí perguntei a ele por que não queria emprestar e ele apenas disse “porque não, pois era dele, ele quem havia pego primeiro”. Voltei a perguntá-lo *o que adiantaria se os super-heróis tivessem super poderes, mas não quisessem ajudar quem precisa?* Allen ficou apenas olhando. E continuei: *de nada iria adiantar, pois eles precisam saber olhar para o outro, para o colega, e ver quando este está precisando de alguma coisa; assim, oferecer o que tem e o que pode a ele, não é?! Assim como você pode emprestar a massinha, que*

você tem e que não está usando, para o colega que precisa dela agora, os super-heróis oferecem sua assistência para as pessoas. E você, o que pode oferecer ao seu colega? Ao final da conversa, Allen resolveu emprestar a massinha ao colega.

Neste mesmo dia da brincadeira de modelagem, Allen fez um Batman de massinha, porém estava sem olhos e sem boca. Depois viu o que os colegas haviam produzido e copiou. Montou um time de futebol e convidou-me para jogar com ele.

No dia em que estavam à disposição das crianças os bonecos dos Incríveis, Allen foi brincar de lutar com Bruce. Esse foi o primeiro momento em que brincou com outra criança.

Na última sessão, ao folhear o livro de “Os Incríveis”, Allen observou a ilustração da cena da família brigando na hora do jantar e disse que era como na casa dele: *Nossa! E é igual lá em casa mesmo... até a parede tá quebrada!*

Sempre Allen demonstrava muito carinho por mim; ao chegar, ia correndo abraçar-me e, ao término dos encontros, demorava a querer ir embora. No último encontro, Allen deu-me um abraço e disse que não queria parar de ir às sessões. Abaixei-me e disse-lhe que não havia como continuar, já que aquele era o último encontro. Caso ele quisesse, poderia continuar a fazer tratamento lá no CEPSI, mas que eu não seria mais a psicóloga e, sim, outra pessoa. Então, Allen saiu correndo pela sala e empurrou Diana, que caiu sobre os colchonetes.

A avó e a tia de Allen e Diana não quiseram comparecer às entrevistas finais; quem compareceu foi a Marta, a jovem da igreja que procurou ajuda para eles. Infelizmente, ela não sabia dizer muito sobre as crianças. Foi pedido, então, que colhesse informações com as pessoas da casa das crianças e as passasse a mim, assim que possível.

Diana

Seu primeiro encontro foi no dia em que a segunda sessão ocorreu. Apresentou-se dizendo que gosta de brincar de boneca e não sabe de qual super-herói gosta. Passou toda a sessão sentada na cadeira, desenhando com tinta e sem conversar com nenhuma outra criança.

No momento de desenhar um herói, Diana, vendo as crianças ao lado desenharem o Batman, optou por desenhá-lo também.

Diana sempre assistia ao filme quieta e concentrada ao meu lado. No primeiro dia de filme foi se aproximando aos poucos. Quando questionada sobre o que mais gostou no filme, tão logo a primeira parte foi apresentada, respondeu prontamente que foi da Mulher Elástico, da forma como ela salva as pessoas. Logo em seguida, fez o desenho e disse que era o desenho da casa da família Incrível. Na última sessão, repetia várias vezes que sua preferência no filme havia sido a Violeta, de como ela era bonita e do fato de ela não ter mais vergonha. Chegou, em determinado momento, a dizer que ela era a Violeta!

No dia da atividade com massa de modelar, a princípio Diana ficou apenas observando Allen e Bruce brincarem; depois, resolveu construir três Batman: um vermelho, um verde e um cinza. Posteriormente, construiu “um gol” de futebol rosa. Ao ver que Allen havia me convidado para jogar com ele em seu campo de futebol, Diana parou de mexer na massinha e deitou; fingiu dormir.

Diana pegou uma folha e foi desenhar com tinta. Jogou fora seu primeiro desenho, pois disse que estava muito feio. Da mesma forma agiu em outras sessões também. No último dia, começou novamente um desenho, não o finalizou. Disse que estava feio e o rasgou. Começou outro, fez o desenho de uma casa e disse que era a da psicóloga.

Diana apresentava-se sempre muito carinhosa comigo e buscava ficar o mais próximo possível de mim, durante toda a sessão.

No momento da entrevista final, assim como no caso de Lucas, nem sua avó e nem sua tia quiseram comparecer; quem compareceu foi a Marta, a jovem da igreja que procurou ajuda para eles, mesmo sem muitas informações acerca das crianças.

Dick

Dick primeiramente foi direto ao canto onde estavam os super-heróis, mas logo se afastou e foi jogar bola, sozinho. Somente fez atividades com as outras crianças no momento em que resolveram desenhar. Manteve-se silencioso durante quase toda a sessão.

No segundo encontro, Dick se apresentou e disse que o que mais gostava de fazer era pular cordas e que seu super-herói preferido era o Homem Aranha. Novamente brincou sozinho o tempo todo. Sentou perto dos livros de leitura e folheou-os. Brincou com o boneco de pano da família Incrível e depois foi desenhar. Ao final, quando foi solicitado que desenhasse um herói, ele desenhou um cachorro.

A partir dessa sessão, Dick não compareceu mais aos encontros e nem sua mãe compareceu à entrevista de devolução.

5.3. Entrevista de fechamento das oficinas

Clarc Kent

A mãe relatou que percebeu uma grande mudança de Clarc dentro de casa, mas não na escola. Hoje ele, que não usa mais chupeta, cuida da irmã mais nova e, ao mesmo tempo, está muito atencioso com ela. Busca, na hora de brincar, um jeito

de incluí-la na brincadeira, mesmo que ela ainda não saiba brincar com ele por causa da diferença de idade. Empresta seus brinquedos a ela, coisa que não fazia antes.

A mãe relatou que acredita que ele tenha sentimentos de que é o único capaz de dar a ela o amor que o pai dava e, por isso, procura tratá-la assim, considerando que era o modo como o pai a tratava. Clarc disse à mãe que irá cuidar dela, uma vez que já sabe como é ruim não ter pai.

Clarc ainda chora muito a morte do pai e a mãe relata não entender como, visto reafirmar que o pai não gostava dele e o tratava com ignorância; a maior parte do tempo nem lhe dispensava atenção, embora evitasse dizer isso a ele.

No dia anterior à entrevista de devolução, a avó materna, que morava até então com eles, mudou-se. Clarc chorou muito. A mãe revelou que se dá conta que as perdas recentes foram bastante fortes a Clarc.

Na escola, Clarc continua muito agressivo e inquieto. Não relataram nenhuma mudança em suas atitudes. Foi dito à sua mãe que as mudanças começaram a aparecer, mas que seria necessário uma continuidade de atendimento psicológico para maiores melhoras.

Bruce Wayne

A entrevista de devolução foi remarcada várias vezes, por dificuldade dos pais de comparecerem. No dia da entrevista, o pai foi sozinho, sem a mãe, e chegou bastante atrasado. Bruce foi a única criança que compareceu a todas as sessões.

O pai relatou que as crises de nervos e os gritos pararam e que Bruce encontra-se com mais limites, além de ter melhorado, mudado para melhor seu comportamento em geral em casa: não está tão desobediente mais. O pai disse que

desde que foram orientados, mudaram também seus comportamentos em casa; hoje não utilizam mais ameaças de que irão devolvê-lo para a mãe biológica.

Na escola, o pai disse que Bruce nunca foi de apresentar problemas e continua da mesma forma.

Apesar dessas melhoras, Bruce vem enfrentando um problema com o irmão de 24 anos. Eles estão brigando muito ultimamente e o irmão já falou para os pais que vai sair de casa em função dele e também por que vai se casar. O irmão atualmente não trabalha e mora com a mulher dentro da casa da mãe e do pai. De um mês para cá, passou a dizer abertamente que não quer dividir nada seu com Bruce, que ele é o único filho que tem direito à herança dos pais.

A mãe vem sofrendo demais com toda essa história e resolveu que não irá registrar legalmente Bruce. E acredita que o filho está sendo influenciado pela mulher. E diz a ele que, caso ele ache melhor, pode sair de casa. Bruce não fala nada para os pais em relação a esses acontecimentos; permanece calado. Mas o pai diz que com certeza ele já escutou o irmão dizendo que ele é o único filho legal.

Bruce foi orientado a continuar em terapia.

Peter Parker

Segundo a mãe, Peter mudou bastante, tanto em casa quanto na escola. Uma semana antes da entrevista de devolução houve uma reunião na escola de Peter e a professora foi perguntar o que estava acontecendo com ele, considerando perceptíveis as mudanças de seu comportamento na escola. Não está mais agressivo com os colegas, não tem apresentado mais nenhum problema de relacionamento. Então, ela relatou que a única coisa diferente que estava fazendo era terapia.

Em casa, a mãe relatou que ele anda mais carinhoso com o irmão e que aprendeu a brincar com ele. Inclusive, quando vai brincar de algo que o irmão não consegue por causa da idade, por exemplo, vídeo-game, entrega um controle desligado a ele para imaginar que está brincando com ele também.

Segundo a mãe, os pais também mudaram a postura em relação a Peter. Estão fazendo do tempo que eles têm juntos – os fins de noite e fins de semana –, algo mais produtivo. Mudaram também a forma de brigar quando ele faz algo errado; segundo relato da mãe, explicam a ele o porquê de fazer algo errado, comparando com aquilo que seria o certo.

A mãe foi orientada a permanecer com Peter em terapia com grupos por mais algum tempo.

Diana e Barry Allen

Nem a tia e nem a avó quiseram comparecer para a entrevista. Segundo Marta, a avó relatou que não iria, pois quem precisava de ajuda era ela e não as crianças, haja vista criança nem saber o que está se passando. Marta foi então orientada a dizer que ela poderia ir ao CEPESI, pois assim poderia ser encaminhada para acompanhamento psicológico também, já que desejava. E, assim, poderia aproveitar a ida e conversar sobre as crianças para saber como estão e se houve alguma melhora. Infelizmente, nem a avó e nem a tia quiseram comparecer. Marta foi em busca de informações na casa e na vizinhança e as levou para a entrevista.

Segundo relato da pessoa que toma conta das crianças, uma vizinha de 15 anos, ultimamente Allen anda mais carinhoso e menos nervoso. Não briga tanto com os colegas e não faz tanta coisa errada como antes.

Diana tem xingado menos, mas continua com dificuldades no processo de aprendizagem na escola; ainda em conformidade ao que foi dito por essa mesma vizinha que cuida da criança, ela tem dado menos birra ultimamente. Não foi possível ter nenhuma informação a mais sobre as crianças.

CAPÍTULO VI

DISCUSSÃO DOS RESULTADOS

A entrevista lúdica no início do trabalho teve por objetivo colher informações sobre a natureza do pensamento das crianças que fazem parte da presente pesquisa e, igualmente, colher informações significativas do ponto de vista psicodinâmico e evolutivo delas, que pudessem auxiliar a formular indicações terapêuticas mais adequadas a cada caso. A princípio, não houve nenhuma contra-indicação quanto à participação das seis crianças na pesquisa.

Por conseguinte, a partir da saída de Dick, logo após a segunda sessão, percebeu-se que, em função de sua história de vida, foi equivocada a sua inclusão no grupo e acredito que poderia ter sido mais indicada, e proveitosa, uma psicoterapia individual no início, com uma possível inserção, posteriormente, em terapia grupal. Dick é uma criança que se sente rejeitada pelo pai e, nos momentos em que poderia desfrutar de seu carinho, acaba tendo que dividir sua atenção com outra criança.

É sabido que os brinquedos, de forma geral, oferecem possibilidades lúdicas projetivas (Klein, 1997; Cunha, 2000; Aberastury, 1996; e outros). Na entrevista lúdica, antes mesmo que o tema de super-heróis fosse tratado ou que houvesse qualquer direcionamento neste sentido, com a inserção dos brinquedos, acessórios, livros e bonecos que remetiam aos super-heróis no conjunto dos materiais lúdicos recomendados pela literatura, houve a quase total exclusividade do interesse das crianças nos brinquedos relacionados a este tema, visto que os primeiros movimentos da maior parte delas se deram em direção ao canto do consultório no qual se encontravam esses objetos.

O contato com os brinquedos possibilita que a criança neles deposite parte dos sentimentos que representam diversos vínculos com objetos de seu mundo interno. Dessa forma, muitos fenômenos que não poderiam ser colocados em palavras podem ser observados no brincar, momento em que crianças conseguem projetar suas questões-chaves (Cunha 2000; Aberastury,1996; Klein, 1997). Neste sentido, é possível presumir que a escolha de artefatos relacionados aos super-heróis possa indicar que, na atualidade, estes possam ser objetos de maior identificação e, portanto, mais representativos das vivências e do simbólico infantil.

Como orienta Cunha (2000), não foi realizada nenhuma interpretação durante a entrevista lúdica, considerando que esse era um momento de conhecer as crianças e interpretações realizadas nesta etapa podem romper as defesas, cujas fragilidades ou rigidez não fossem ainda conhecidas, despertando, ademais, ansiedade, culpa, alimentando fantasias que poderiam atacar ou destruir a relação com o psicólogo.

Terminadas as entrevistas lúdicas, procurei obedecer ao que Gutfreind (2003) denominou de construção do “espaço das histórias”, com o intuito de que este adquirisse um valor simbólico para as crianças. Neste *loccus* físico, simbólico e imaginário, as crianças deixaram-se levar pela história, a exemplo do que os adultos costumam fazer nos cinemas, mas, ao contrário destes, permaneciam neste lugar, não voltando ao real para além do encerramento da sessão, introjetando em seu mundo psíquico os afetos vividos na transferência.

A escolha do filme a ser assistido foi um tanto interessante: foram levados três filmes, todos com suas respectivas capas, as quais continham imagens e informações visuais sobre as tramas. Estiveram à disposição “Monstro por acaso”, “Batman” e “Os Incríveis”.

A partir da queixa apresentada pelos pais ou responsáveis das/pelas crianças, relacionada aos problemas familiares, como facilitadora do grupo, tendenciosamente escolhi, como filmes para serem apresentados às crianças, os que estavam de alguma maneira ligados a essas questões. Toda a história de “Os Incríveis” gira em torno de uma família de super-heróis, os quais precisam se readaptar ao mundo, visto que não podem mais utilizar seus poderes na sociedade em que vivem. “Batman” é uma criança órfã de pai e mãe, em função de um assassinato, e resolve lutar contra a violência.

Os três filmes foram passados de mão em mão pelas crianças. Elas optaram por assistir “Os Incríveis” e disseram ter feito essa escolha em decorrência de a maioria ainda não o conhecer. Contudo, dois pontos importantes devem ser ressaltados quanto a essa escolha: 1 - “Monstro por acaso” não foi um filme apresentado pela facilitadora. É possível que a incipiente relação transferencial tenha favorecido a escolha de um dos outros dois filmes; 2 - outro ponto que pode ter sido relevante no momento da escolha foram as imagens ilustrativas nas capas dos filmes: “Batman” continha uma capa sombria, escura, com a foto de seu personagem principal centralizada, enquanto que a capa do filme “Os Incríveis” traz uma foto bastante colorida, estampando todos os membros da família unidos e vestidos de heróis.

Na sessão, durante o filme, permaneci sentada entre as crianças, buscando exercer o papel de continência. A aproximação física e a disponibilidade psíquica da “facilitadora” com as crianças possibilitaram este papel. Pôde-se observar que as crianças se aproximavam, buscavam com o olhar onde eu me encontrava, pediam minha intervenção (nas brigas, nas atividades, dentre outras), parecendo se sentir seguras com minha presença e proximidade. Constatei que isso favoreceu a entrada

das crianças no mundo da história, das brincadeiras e as trocas que aconteceram entre si e também das crianças em relação a mim, enquanto facilitadora.

O terceiro momento da sessão, a atividade lúdica, foi proposto como forma de abrir um espaço para elaboração das primeiras representações conscientes advindas do conteúdo da história assistida. A título de exemplo, nos dias em que foram levados os bonecos do filme que haviam assistido, as crianças representavam lutas entre os membros da família com os quais geralmente possuem maiores problemas relacionais. Isso confirma a teoria de Klein (1981, 1997), que diz sobre a técnica de investigação do inconsciente; em síntese, um processo associativo se desenrola a partir das atividades lúdicas.

Como constatado na prática desta Oficina, o brincar é uma atividade de grande importância para a constituição do sujeito, visto que por meio da brincadeira a criança cria um mundo próprio ou reorganiza os elementos de seu mundo de uma forma nova e que lhe seja agradável. Durante as brincadeiras das crianças, com os bonecos da família de “Os Incríveis”, foram evidenciados momentos em que as crianças transformavam suas experiências passivas em ativas, a partir das quais passavam a dominar a situação, além de transferirem aos bonecos a experiência desagradável, vingando-se num substituto.

Durante as atividades lúdicas, pude notar que as crianças apresentaram capacidade de personificação, que é a capacidade de desempenhar papéis no brincar, atividade por meio da qual conseguem expressar afetos, tipos de relações e conflitos, sempre em sintonia com a realidade de seu mundo interno (Glenn, 1996).

Como será visto adiante, a partir da análise feita de cada criança, é possível perceber que as escolhas feitas por elas, em relação às cenas que mais gostaram, dizem respeito ao momento em que vivenciam na vida real e na vida imaginária,

assim como afirmam acontecer no que se refere às histórias de contos de fadas, quando contadas em Oficinas ou Ateliês (Bettelheim, 1980; Gutfreind, 2003; e outros). Percebe-se que as histórias serviram como recipientes que adquiriram formas e tamanhos diferentes, de acordo com suas necessidades emocionais particulares. Melhor explicitando, não houve interpretações iguais da história; cada criança fez sua própria interpretação, de acordo como o momento que está a viver e considerando suas necessidades interiores.

Indo mais além, verifiquei que, de forma geral, as Oficinas conseguiram ajudar a criança a transformar em fantasias representáveis o conteúdo do inconsciente. Foram positivas também por possibilitar que elas se identificassem com os fatos acontecidos no filme e pudessem buscar meios para elaborar as dificuldades e impasses vivenciados. A partir do filme, as crianças puderam também apaziguar seus maiores temores inconscientes (Bettelheim, 1980).

Através dos relatos específicos de cada criança no momento das atividades lúdicas, que serão descritos logo em seguida, comprovar-se-á que o brincar é uma possibilidade que a criança tem de revivenciar tudo o que lhes causa grande impressão, tornando-a sujeito ativo na situação e, assim, possibilitando a elaboração (Freud, 1920).

Clarc Kent

Ao se apresentar na primeira sessão, Clarc encontrava-se bastante agitado e foi espontâneo ao dizer que o que mais gostava de fazer era brincar de carrinho de controle remoto. Ao dizer do Super-Herói que mais gosta, apontou o Super-Homem como seu favorito, o que chamou bastante a atenção com o decorrer das sessões.

Seu comportamento demonstra que está passando por um momento em que acredita ser necessário “cuidar” e “proteger” todos em sua família, visto que é o único “homem da casa”; e a forma pela qual consegue vislumbrar essa possibilidade seria através da identificação com um personagem que consegue ser “Super” em praticamente tudo o que faz: Super-Homem. A partir das sessões, da entrevista de fechamento das Oficinas e pelo seu próprio relato, é possível notar que pouco a pouco Clarc foi tomando algumas responsabilidades, mudando sua postura com relação à irmã, passando a cuidar dela e aos poucos se *transformando* de um *bebê* (que chupa chupeta) a um homem (super).

Durante as primeiras sessões, Clarc demonstrou não gostar muito de seguir regras; sempre quando solicitado para fazer algo, tentava agir de forma contrária. A partir da história de vida e da relação transferencial, percebemos esse comportamento como uma necessidade de conseguir a atenção das pessoas. E podemos pensar também em um empenho para ocupar uma posição de força, o que pode estar relacionado a uma ambivalência entre o desejo de “ser cuidado” e a necessidade de “ser cuidador”.

Clarc, sempre que tomava atitudes para chamar a atenção, apresentava também certa agressividade. Estas atitudes podem ser interpretadas como uma maneira que ele encontrou de exteriorizar, de expressar as “agressões” que vem recebendo da vida. A partir das identificações e projeções realizadas durante as Oficinas, Clarc teve a oportunidade de pôr em ato sua agressividade e encontrar, por meio do filme, possibilidades de canalizar sua agressividade em outras formas mais aceitas socialmente.

Sempre relatava maior interesse nas partes do filme que se referiam a explosões, o que nos possibilita pensar ser detentor de um mundo interno

conturbado. Contudo, por meio das brincadeiras e dos desenhos foi possível projetar seus afetos, os quais podem estar relacionados à perda do pai e do padrasto. Conseguiu utilizar-se do simbolismo da história apresentada e, por meio do desenho, expressar sua angústia.

Outro ponto muito importante que foi trabalhado consiste na ligação com a mãe. Clarc fez uma projeção de sua mãe na imagem da *Senhora Incrível*, tanto que no último dia disse: “A minha mãe é igual essa daí... elas são iguais, fazem as mesmas coisas, dão broncas, falam o que pode e o que não pode”. Essa atribuição de qualidades positivas reflete um reconhecimento da luta da mãe na manutenção dos filhos, equivalente à luta da *Senhora Incrível*.

Durante a atividade com os bonecos, no momento em que representava a luta da *Senhora Incrível* contra o Bochecha (o vilão), Clarc teve a possibilidade de manipular a realidade e, na sua fantasia, sua mãe vence todas as dificuldades.

Em outra cena protagonizou a luta da *Senhora Incrível* e do Bochecha contra o bebê, que pareceu no momento representar sua irmã mais nova. Nessa vivência, teve a oportunidade de ter sua mãe fazendo algo que inconscientemente deseja, que é sua mãe rejeitando a irmã mais nova, podendo dar atenção especial somente a ele. Teve, assim, a oportunidade de colocar para fora toda uma agressividade antes direcionada à irmã mais nova, que muito provável foi gerada em função de ciúmes e que diretamente não seria possível ser expressa como tal.

Um ponto bastante interessante para ser analisado em Clarc, durante as Oficinas Terapêuticas, diz respeito ao seu constante pedido para que fosse passado algum filme de terror. Emanuel (2005) fala sobre o costume que as crianças têm de gostar de escutar ou assistir a histórias que são assustadoras; ele percebe que é uma maneira delas de enfrentarem o medo e, daí, conseguirem dominá-lo, pois o fato de

terem a capacidade de prever como algo assustador pode acontecer; é possível controlar a angústia que é causada por algo capaz de assustá-las. E essa previsibilidade reduz a incerteza e o desamparo. Nessa perspectiva, quando Clarc diz “eu gosto de sentir medo” e traz o contínuo desejo de assistir algum filme de terror, pensamos naquilo que possa estar por trás dessa atitude: uma busca incessante.

Percebemos, como ponto importante, o interesse da mãe de Clarc pelo tratamento. Mesmo passando por dificuldades e sérios problemas de saúde que poderiam interromper a frequência de Clarc às Oficinas, isso não ocorreu, o que demonstra uma valorização do trabalho. Isso pode ser notado na transferência positiva se estendendo da mãe à criança, já que favorável ao desenvolvimento do trabalho.

Bruce Wayne

Bruce se apresentou durante as Oficinas como uma criança insegura, mas ao mesmo tempo responsável. Nas apresentações que aconteceram nas entrevistas lúdicas, não conseguiu falar sobre si. Durante as atividades lúdicas, buscava copiar comportamentos de outras crianças e sempre tinha dificuldade para desenhar, alegando não saber fazê-lo. Nessa perspectiva, é possível perceber estas atitudes como uma dificuldade que ele demonstra ter em se colocar diante de outras pessoas, em função de insegurança.

Bruce, até o início das Oficinas Terapêuticas, sofria constantes ameaças de que seria devolvido à sua mãe biológica sempre que apresentava atitudes que desagradavam seus pais adotivos; imagino que isso possa ter corroborado para que se sentisse inseguro e ameaçado.

Durante as Oficinas, através da relação transferencial que foi estabelecida comigo, Bruce foi aos poucos se sentindo mais confiante e se colocando mais perante o grupo, o que pode ter favorecido a pausa de suas “crises de nervos”, visto que a partir do momento que consegue se expressar mais, sentindo-se mais seguro, não precisa guardar tanto seus afetos.

Seu comportamento de corrigir os colegas, ao proferirem palavras erradas, durante os primeiros encontros, foi percebido como uma forma de impor e mostrar suas habilidades e qualidades e, ao mesmo tempo, uma atitude defensiva para lidar com o outro.

O questionamento de Bruce no momento de desenhar seu herói, acerca da possibilidade de ilustrar seu pai, demonstra sua identificação com este. Mas em função de se sentir inseguro diante do grupo, além de apresentar tendência em agir igualmente às demais crianças, opta em fazer um desenho igual ao destas: desenhar um super-herói.

Bruce pôde também exteriorizar seus afetos no momento da atividade lúdica com os bonecos da família de “Os Incríveis”. Protagonizou uma luta entre o Flecha e a Violeta (os dois irmãos) e, posteriormente, encenou uma luta destes contra o Bochecha, que se estendeu por várias sessões. Através desta vivência pôde atuar de forma ativa mediante os problemas vividos em casa, com o irmão mais velho, os quais, segundo a família, acontecem muito em função da mulher dele. Esta, na brincadeira, estava claramente representada pelo Bochecha.

As cenas do filme mais apreciadas por Bruce tinham como situação comum a ligação emocional entre os membros da família Incrível: primeiramente, a briga em família. Em seguida, a cena em que a Mulher Elástica vira barco e nada com os filhos até a ilha. Independente do contexto de briga ou cuidado, o que essas cenas

mostram é uma união, na medida em que mesmo quando se briga há afeto e relação. Tal escolha nos remete à sua história de vida (ameaças de ser devolvido); podemos, assim, inferir a sua insegurança em relação a sua condição no elo familiar.

Houve uma grande contribuição por parte dos pais quanto o desenvolvimento positivo das Oficinas Terapêuticas para Bruce, pois contribuíram para que não faltasse a nenhuma sessão, demonstrando confiança em relação ao trabalho a ser realizado.

Apesar de Bruce não citar nenhum super-herói com o qual mais se identifique, podemos inferir que sua trajetória de nada difere em relação aos caminhos percorridos por super-heróis: geralmente se apresentam inseguros no início, passam por alguma experiência que possibilite a descoberta de suas habilidades e qualidades, até que triunfam, ao final, frente aos desafios que são apresentados pela vida.

Peter Parker

Peter, desde o primeiro encontro, demonstrou uma grande paixão por super-heróis: brincava somente com os brinquedos relacionados ao tema e, nas duas primeiras sessões, passou o tempo todo vestido com suas roupas, uniformes. Demonstrou e verbalizou uma maior identificação com o Homem Aranha.

A história do Homem Aranha mostra a descoberta que um garoto faz de suas novas habilidades e, assim, consegue coragem para enfrentar as dificuldades da vida e triunfar, semelhante ao momento em que Peter vive, atualmente: tenta descobrir seus atributos para enfrentar os desafios de seu mundo. Um dos desafios percebidos foi a necessidade de (re)conquistar seus pais pelo fato de, inconscientemente, acreditar que eles possam gostar apenas de seu irmão mais novo.

Uma forma que Peter pode ter encontrado para mostrar seus valores e, assim firmar suas qualidades, foi nomear as coisas que possui, como se assim pudesse valorizar-se. Considerando que as atitudes na vida são representadas nas entrevistas lúdicas, podemos associar a isso o fato de Peter ficar dizendo aos colegas que possui aqueles brinquedos todos em casa.

Peter apresentava uma característica singular no grupo: era a única criança que desde o início das Oficinas sempre procurava brincar com outras crianças. Não gostava de fazer as coisas isoladamente, embora apresentasse dificuldade em dividir brinquedos, o que parecia ser referente ao momento que vivencia em casa: sabia que deveria dividir as coisas com o irmão mais novo. Gostaria até de brincar com ele, contudo em função do ciúme que se manifesta inconsciente por ter que dividir o amor dos pais com o irmão, apresenta essa dificuldade em dividir. Isso é reforçado, sobretudo, pelo fato de que já na entrevista lúdica, de acordo com Glenn (1996), a criança representa, no consultório, através do lúdico, as dificuldades vivenciadas no cotidiano.

Percebemos que as crises de choro “sem motivo”, apresentadas por Peter antes das Oficinas Terapêuticas, estavam ligadas à angústia vivida em relação à fantasia da incerteza do amor dos pais. Como apontam importantes autores da literatura da psicanálise infantil, o brincar é importante por permitir que a criança vivencie, projete e re-elabore seus problemas da vida real durante os jogos. E, assim, foi com Peter: no primeiro dia em contato com os bonecos da família Incrível, uniu todos os membros da família e encenou uma luta do Senhor Incrível e do bebê contra todos os outros membros da família. Em outro momento, realizou uma cena em que o próprio bebê lutava contra o Senhor Incrível. E, ao final, o pai chutou o bebê, o qual foi parar muito longe.

Esta atividade permitiu exteriorizar seu desejo inconsciente de tirar o seu irmão mais novo, representado ali pelo bebê de “Os Incríveis”, de cena, sendo ele, inclusive, rejeitado pelo próprio pai. Nesse momento, na brincadeira Peter chegou a verbalizar que era o Senhor Incrível e chutou o bebê para longe.

Uma questão levada pela mãe de Peter na primeira sessão estava ligada ao fato de ele ter passado a apresentar comportamentos agressivos na escola, comportamento provavelmente decorrente dos problemas vividos em casa. Estes, tão logo puderam ser re-elaborados, possibilitaram que ele mudasse também na escola.

Nas Oficinas Terapêuticas podemos perceber que a relação de Peter e seu pai, do mesmo modo que com seu irmão, pode ser re-estruturada, re-elaborada; questão apresentada, inclusive, pela mãe de Peter durante a entrevista de fechamento das Oficinas. Devemos ressaltar a importância da participação da mãe de Peter no processo terapêutico, haja vista terem ocorrido algumas mudanças no comportamento dos pais também em casa, o que muito colaborou para que houvesse mudanças durante esse período.

Barry Allen

Allen apresentou, desde o começo, ser uma criança tímida, fechada e com baixa autoestima; não acreditava em seu potencial, não se entrosava muito com outras crianças, demonstrando inclusive ser carente de cuidados e carinhos que são importantes para a formação do sujeito. Carência igualmente perceptível de pessoas que se encontram disponíveis para serem continentes a ele, para que possa ter como referência e com as quais possa se identificar.

Percebemos que as pequenas mudanças que aconteceram com Allen estão fortemente ligadas à transferência estabelecida com a facilitadora do grupo. Buscava

sempre estar próximo a mim, demonstrando afeição, como se fosse uma maneira de se sentir mais seguro e protegido, encontrando uma forma de enfrentar sua angústia, seu vazio e sua insegurança.

Repetidas vezes, ao desenhar, Allen pedia meu auxílio, demonstrando e reafirmando sua insegurança também com suas produções. Com o decorrer das sessões, à medida que sentia a minha disponibilidade, no sentido de ser continente a ele, pôde aos poucos se sentir mais seguro e amparado, construindo-se como um sujeito.

Ao final das Oficinas, Allen apresentou uma identificação com Flecha, o que demonstrou de fato ter sido bastante positivo para seu desenvolvimento. Chegou a dizer “eu sou o Flecha!”. Nesse momento, houve espaço para que eu interpretasse sua fala e suas atitudes, mostrando-lhe ser possível que ele encontre suas qualidades e virtudes assim como Flecha o fez. E que não precisa de super poderes para ser uma pessoa especial.

Allen traz, como parte preferida do filme, a cena em que o Senhor Incrível salva um gato em cima da árvore, o que nos remete a sua questão pessoal, ligada ao desamparo e também à necessidade de cuidado que apresenta. Compreendemos que, no desenvolver de suas idas às Oficinas Terapêuticas, Allen se possibilitou receber e demonstrar afeto.

Faltou a muitas sessões, sempre em função da dificuldade de encontrar alguém disponível para levá-lo. Compareceu apenas nos dias em que pessoas se colocaram à disposição para levá-lo, como o Pastor e jovens frequentadores da mesma igreja.

Percebemos uma grande dificuldade em trazer Allen realmente para dentro das Oficinas Terapêuticas, principalmente em função de não ter sido estabelecido um

vínculo transferencial com a pessoa responsável por ele: sua tia ou sua avó. Notamos, assim, a importância da participação dos responsáveis no processo terapêutico de crianças. A relevância de apresentarem uma transferência positiva em relação ao trabalho, o que resultará em adesão e compromisso com o processo.

Diana

Diana passou por um processo muito parecido com o de Allen, no sentido de buscar a figura contenedora da facilitadora do grupo. Assim como ele, apresentava um sentimento de insegurança, de baixa de autoestima e de desamparo. Buscou encontrar na figura da psicóloga a força para enfrentar todos esses sentimentos.

Diana apresentou grande dificuldade em se relacionar com outras crianças, praticamente não apresentando tal comportamento durante as Oficinas. Contudo, apresentava uma ligação forte em relação a mim e sentia ciúmes ao ver outras crianças recebendo minha atenção. Sempre que outra criança solicitava minha presença, Diana buscava chamar minha atenção de volta a ela.

Repetidas vezes Diana iniciava um desenho e depois o rasgava, dizendo que não estava bom; quase nunca conseguia terminar uma produção própria, sempre insatisfeita com o resultado, o que ressalta sua insegurança.

As cenas do filme que apontou como suas preferidas estão ligadas a situações nas quais o foco era a proteção, o cuidado das pessoas; pontos que faltam em sua realidade cotidiana. Relatou ter gostado muito da Mulher Elástico (Senhora Incrível), principalmente pelo fato de ela proteger as pessoas, assim como de Violeta, em função da mudança que houve em seu comportamento, dizendo que no final Violeta “não tinha mais vergonha”.

Essa identificação com Violeta pode ser fundamental para o desenvolvimento de Diana, visto que, assim como ela, Diana pode encontrar um meio de se sentir mais segura e amparada, mais confiante em si e não se sentir envergonhada (desprotegida).

De acordo com as informações recebidas por Marta da pessoa que cuida de Diana durante o dia, ela encontrava-se mais calma e xingando menos, características que estavam bastante fortes no começo das Oficinas Terapêuticas. Porém, não conseguimos trazer nenhuma informação extra que possa auxiliar uma discussão mais profunda do caso.

Dick Grayson

Dick esteve presente em apenas duas sessões e, depois, a mãe ligou dizendo que ele não queria mais ir. Percebemos, após seu encerramento, que ao inseri-lo no grupo das Oficinas Terapêuticas, acabamos por colocá-lo frente a um problema que enfrenta em sua vida real e imaginária, que consiste no fato de dividir a atenção de seu pai com a irmã mais velha e a sobrinha.

Como não havia ainda uma relação transferencial suficiente estabelecida com a mãe e nem com a criança, não foi possível para ele enfrentar essa dificuldade neste momento. Ao se deparar com a possibilidade de dividir a atenção da psicóloga, que dentro do *setting* analítico é representante da mãe e do pai, com as outras crianças, resolve abandonar esse desafio.

Provavelmente, teria sido mais valiosa a inserção de Dick em uma terapia individual para depois ser inserido no grupo, considerando que uma das dificuldades enfrentadas por ele no dia-a-dia é a dificuldade de lidar com a divisão, ou falta de amor do pai para com ele.

Em relação ao grupo e ao processo como um todo, percebemos também, após a análise de cada uma das crianças no decorrer da Oficina, que elas apresentaram mudanças na forma de interagirem entre si. A princípio, tudo era muito individual, faziam as coisas sozinhas, tinham dificuldade em compartilhar brinquedos e brincadeiras. Ao término, interagiam a todo momento entre si, sendo que a maior parte das atividades exercidas deu-se em grupo.

Refletindo a questão do tempo de duração das Oficinas Terapêuticas, levantamos um ponto negativo na presente pesquisa. De acordo com Lafforgue (1995a), o tempo considerado consistente para intervenção de grupos é de aproximadamente um ano, ou a partir de 20 sessões. E, neste estudo, foi possível perceber que o tempo, de doze encontros, não foi suficiente para conseguir resultados mais duradouros e mudanças mais profundas. Para que isso acontecesse, acredita-se na necessidade de um número maior de encontros.

Capítulo VII

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A proposta terapêutica oferecida consistiu em propiciar condições para que o sujeito fosse capaz de reconstruir sua história de forma saudável para seu desenvolvimento psíquico. Tão importante quanto à produção, foram as diversas possibilidades que resultaram das oficinas para os pacientes.

O presente estudo demonstrou que as Oficinas Terapêuticas, com base psicanalítica, apresentam eficácia para o desenvolvimento de trabalhos dentro de instituições, onde a demanda de paciente não é suprida pela falta de contingente humano para assistência.

Por meio do trabalho em grupo e com a inserção do tema ligado aos super-heróis, foi possível auxiliar as crianças a iniciarem um processo em busca de condições para que possam se estruturar, tendo possibilidade de re-elaborar suas angústias, fantasias e temores e, ao mesmo tempo, provar que esta modalidade de trabalho pode ser considerada como uma possibilidade para abranger a crescente demanda. Contudo, há também pontos a serem modificados e melhor analisados em relação a essa experiência.

Em relação ao tempo de duração das Oficinas Terapêuticas, torna-se conveniente que sejam planejadas sessões semanais no decorrer de, no mínimo, um ano letivo, assim como ressalta Lafforgue (1995a). Percebi que o tempo da presente pesquisa, doze sessões, foi relativamente curto, durante o qual as crianças puderam apenas iniciar um processo de mudança. Em função desta percepção, foi proposta

aos responsáveis a possibilidade, bem como a indicação de cada caso, para a continuidade do processo terapêutico no CEPSI.

Devemos, ainda, analisar criteriosamente a questão da demanda particular de cada paciente. Mostra-se conveniente uma avaliação mais pormenorizada de cada caso antes de sua inserção em determinado grupo. Nesta pesquisa, tivemos o exemplo de Dick, um paciente não indicado para iniciar psicoterapia em grupo, mas que em função da impossibilidade de uma avaliação prévia mais aprofundada, foi inserido no contexto das Oficinas. Isso nos leva a pensar em inserir previamente, às Oficinas Terapêuticas, um trabalho de triagem para selecionar os casos adequados a este tipo de intervenção.

A forma de triagem sugerida neste caso consiste em uma série de entrevistas psicológicas (de três a cinco), com o objetivo de encaminhar o paciente para o atendimento mais indicado, visando a uma maior fluidez no tratamento oferecido. Neste momento, serão levantadas as queixas relacionadas ao sofrimento psíquico, assim como investigados, devidamente, os conflitos e os sintomas. É mais do que uma coleta de dados; os procedimentos são uma forma de intervenção breve (Ancoma – Lopez, 1995).

Considerando que todo o desenvolvimento da presente pesquisa surgiu em decorrência da idéia e da pressuposição que foram levantadas, a partir de observações do cotidiano e da clínica, de que os super-heróis fazem parte de muitas brincadeiras e jogos das crianças, despertando grande interesse nelas, foi relevante o fato de as crianças, durante a entrevista lúdica, moverem-se, em primeiro lugar, em direção ao canto da sala no qual encontravam-se esses brinquedos e acessórios, o que possibilitou e fortaleceu a continuidade da pesquisa nesta direção.

Constatamos que os super-heróis estão presentes na vida imaginária das crianças, o que nos leva a repensar sobre os materiais considerados imprescindíveis

de estarem presentes em uma caixa lúdica. Afinal, os brinquedos possuem considerável representatividade às crianças, já que por meio deles conseguem se expressar, livre associar e, durante a análise, um processo associativo se desenrola a partir das atividades lúdicas. Ademais, devemos pensar em utilizar brinquedos que façam parte de seu mundo. Não seria este, então, o momento ideal para repensar e inserir os símbolos contemporâneos nos materiais da caixa lúdica?

Pude apreender, também, que, em função da metodologia utilizada na presente pesquisa, não há como inferir um valor simbólico ao filme de Super-Heróis e nem especificamente ao filme *Os Incríveis*, visto que as atividades lúdicas auxiliaram muito nos resultados obtidos com a Oficina Terapêutica. Percebi que, por meio deste método utilizado, o filme serviu como forma para impulsionar, abrir caminho, para re-elaborar as vivências das crianças; destarte, foi necessário o lúdico para que elas pudessem exprimir seus afetos, dificuldades e angústias.

Nesse contexto, a Oficina mostrou-se de extrema relevância como um todo; a exposição do filme possibilitou algumas identificações e projeções, associada ao momento seguinte, em que tinham a possibilidade, por meio do lúdico, de vivenciar e re-elaborar seus enigmas.

É possível dizer então que o filme “Os Incríveis” emergiu enquanto atividade lúdica, ou seja, enquanto mediador terapêutico, o que pode ter ocorrido em função do contexto terapêutico em que foi inserido. A trama, os personagens propiciaram as crianças vivenciarem fatores importantes relacionados à sua história de vida, sendo capazes, portanto, de encontrarem soluções mais eficazes para suas dificuldades.

O meio de transmissão escolhido, a televisão, deve-se ao fato de que hoje em dia esse é um dos meios de comunicação e de interação mais difundido entre as crianças. Foi positivo o uso de vídeo durante as Oficinas, contudo devo ressaltar que, conforme mostrado durante a discussão de resultados, a maior importância estava na forma como foi trabalhado o momento das Oficinas. Havia todo um *setting* no qual estavam presentes algumas características consideradas essenciais: a transferência

estabelecida entre as crianças e a facilitadora, a própria presença física e psíquica da mesma, e também o desenrolar das etapas da Oficina. Assim como preconizava Gutfreind (2003), o importante está no contexto em que se vivencia a história.

Necessário se torna, ainda, considerar o extremo valor da participação dos responsáveis pelas crianças nas Oficinas Terapêuticas. Do mesmo modo como demonstrado na análise de crianças, os pais têm um papel muito importante para o desenrolar do trabalho, apesar de secundário. Compete a eles o ônus de providenciar que a criança frequente regularmente as sessões e sejam responsáveis pelo pagamento dos honorários (que não foi necessário, neste caso). E, para que isso aconteça, é indispensável que os laços transferenciais entre o facilitador (psicólogo) e os responsáveis estejam bem estabelecidos, até mesmo pelo fato de, muitas vezes, esse laço transferencial ser estendido até as crianças, auxiliando o início do trabalho.

É possível, inclusive, esboçar neste momento que a diferença desta pesquisa para uma ludoterapia se faz presente em toda a constituição do *setting* terapêutico que foi construído. Até mesmo dizer que as Oficinas Terapêuticas possuem as características da ludoterapia, não obstante, utiliza também de outras técnicas como, por exemplo, a transferência entre as crianças e a facilitadora.

Em alguns casos, vimos que a facilitadora do grupo estava representando a *imago* parental para as crianças, fato que, de acordo com psicanalistas, é possível acontecer e pode auxiliar o processo terapêutico (Glenn, 1996; Ferreira, 2000).

Verificamos que algumas crianças apresentaram identificação com a facilitadora, o que Glenn traz como uma possibilidade de ser por si só terapêutica, haja vista que o paciente pode desenvolver estruturas internas baseadas nessa identificação.

Introjetar o analista em fantasia, conduzindo a sentimentos de estar completo, onde antes havia apenas um senso de vazio. (...) o paciente pode aprender a modular a intensidade de suas reações emocionais, tolerar melhor a frustração e restringir suas tendências á impulsividade. Pode ainda aprender a organizar suas pulsões e os meios de gratificação delas (Glen, 1996, p. 39).

Vale ressaltar que poucas foram as interpretações realizadas no decorrer das Oficinas, uma característica peculiar do grupo. Percebi que, talvez devido à transferência estabelecida, foi possibilitado às crianças terem uma maior vivência dos fatos do que a necessidade da interpretação.

É possível, assim, finalizar a pesquisa afirmando que as Oficinas Terapêuticas auxiliaram no desenvolvimento emocional e também ofereceram recursos para as crianças lidarem com a realidade. Apresentaram-se como um auxílio para a elaboração de conflitos e para a criação e recriação da vida por intermédio da fantasia, assim como propõem Radino, Gutfreind, Bettelheim e outros, em relação a trabalhos com utilização dos contos de fadas. Entretanto, restam ainda algumas questões para posteriores reflexões: quais as possíveis influências que os super-heróis podem exercer perante as crianças? São os filmes de super-heróis terapêuticos por si só, assim como os contos de fadas? Percebemos, então, ao término deste estudo, que ele significa apenas o início de outras pesquisas e não a conclusão de um trabalho.

Capítulo VIII

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

Aberastury, A. (1996). *Abordagens á Psicanálise de Crianças*. Porto Alegre: Artes Médicas.

Afonso, L. (org) (2002). *Oficinas em dinâmica de grupo: um método de intervenção psicossocial*. Belo Horizonte: Edições do Campo Social, 2ª edição.

Ancona-Lopez, S. (1996). *Reflexões sobre entrevistas de triagem ou na prática a teoria é outra*. Interações: Estudos e Pesquisas em Psicologia.

Barone, L.M.C. (2004). Narrativa e Cura: a função terapêutica da palavra. Em: *Pesquisando com o Método Psicanalítico*, Herrman, F. São Paulo: Casa do Psicólogo.

Bettelheim, B. (1980). *A psicanálise dos contos de fadas*. Rio de Janeiro: Paz e Terra.

Bleger, J. (1980). *Temas de Psicologia: entrevistas e grupos*. São Paulo: Martins Fontes.

Bock, A. M. B.; Furtado, O.; Teixeira, M. L. T. (1999). *Psicologias: Uma introdução ao estudo de Psicologia*. São Paulo: Saraiva.

Brenner, C. (1987). *Noções Básicas de Psicanálise: introdução à teoria psicanalítica*. São Paulo: EDUSP, 1987.

Cordioli, A. V. (org.) (1998). *Psicoterapias: abordagens atuais*. Porto Alegre, Artes Médicas.

Emanuel, R. (2005). *Conceitos da Psicanálise: Angustia*. Sao Paulo: Ediouro.

Ferreira, T. (2000). *A escrita da clínica: Psicanálise com crianças*. Belo Horizonte: Autêntica.

Freud, A. (1951). *O Tratamento Psicanalítico de crianças: Preleções Técnicas e ensaios*. Rio de Janeiro: Imago.

Freud, S. (1900). A Interpretação dos Sonhos. Em: *Edição Standard das obras completas de Sigmund Freud*. (vol. V). Rio de Janeiro: Imago.

_____. (1905). Três ensaios sobre a Sexualidade. Em: *Edição Standard das Obras Completas de Sigmund Freud*. (vol. VII). Rio de Janeiro: Imago.

_____. (1908). Escritores Criativos e Devaneios. Em: *Edição Standard das Obras Completas de Sigmund Freud*. (vol. IX). Rio de Janeiro: Imago.

_____. (1911). Formulações sobre os dois princípios do funcionamento mental. Em: *Edição Standard das obras completas de Sigmund Freud*. (vol. XII). Rio de Janeiro: Imago.

_____. (1913a). Totem e Tabu. Em: *Edições Standard das Obras completas de Sigmund Freud*. (vol. II). Rio de Janeiro: Imago.

_____. (1919 [1918]). Linhas de Progresso na Terapia Psicanalítica. Em: *Edição Standard das Obras Completas de Sigmund Freud*. (vol. IX). Rio de Janeiro: Imago.

_____. (1920). Além do Princípio do Prazer. Em: *Edição Standard das Obras Completas de Sigmund Freud*. (vol. XVIII). Rio de Janeiro: Imago.

_____. (1921c). Psicologia da massa e análise do ego. Em: *Edição Standard das Obras Completas de Sigmund Freud*. (vol. XVIII). Rio de Janeiro: Imago.

_____. (1925). O id e o ego. Em: *Edição Standard das Obras Completas de Sigmund Freud*. (vol. XVIII). Rio de Janeiro: Imago.

_____. (1926). Inibições, sintomas e ansiedade. Em: *Edição Standard das Obras Completas de Sigmund Freud*. (vol. XX). Rio de Janeiro: Imago.

_____. (1927). O futuro de uma ilusão. Em: *Edição Standard das Obras Completas de Sigmund Freud*. (vol. XX). Rio de Janeiro: Imago.

Gardner, R. A. (1971). *The Mutual Storytelling Technique, American-Journal-of-Psychotherapy*.

Glen, Jules (1996). *Psicanálise e Psicoterapia de crianças*. Porto Alegre: Artes Médicas.

Gutfreind, C. (2003). *O terapeuta e o lobo – a utilização do conto na psicoterapia da criança*. São Paulo: Casa do Psicólogo.

Herman, L. (1997). *Clínica psicanalítica: a arte da interpretação*. São Paulo: Brasiliense.

Klein, M. (1981). *Contribuições à psicanálise*. São Paulo: Mestre Jou.

_____. (1997). A Psicanálise de criança. Em: *Obras Completas de Melanie Klein*. (vol. II). Rio de Janeiro: Imago.

Kritemeyer, B. C., & Heiney, S. P. (1992). *Storytelling as a therapeutic technique in a group for school-aged oncology patients. Children's Health Care*.

Lafforgue, (1995a). *Petit Poucet deviendra grand – Le travail du conte*, Bordeaux, Mollat Editeur.

- Laplanche, J & Pontalis, J.B. (2001). *Vocabulário da Psicanálise*. São Paulo: Martins Fontes.
- Leudox, M. H. (1990). *Introdução à Obra de Françoise Dolto*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar. Coleção Transmissão da Psicanálise.
- Mijolla, A. (2005). *Dicionário Internacional de Psicanálise*. Rio de Janeiro: Imago.
- Radino, G. (2003). *Contos de Fadas e realidade psíquica: a importância da fantasia no desenvolvimento*. São Paulo: Casa do Psicólogo.
- Rueveni, U. (1995). *Stories and metaphors as interventions with headache sufferers, Family Therapy*.
- Segal, H. (1975). *Introdução à obra de Melanie Klein*. Rio de Janeiro: Imago.
- Simonnet, P. (1997). *Le conte ET La nature, Essai sur les médiations symboliques*, Paris, L'Harmattan.
- Winnicott, D.(1975). *O brincar e a Realidade*. Ed. Imago: Rio de Janeiro, RJ.
- Zimerman, D. E. (1999). *Fundamentos Psicanalíticos. Teoria, técnica e clínica: Uma abordagem didática*. Porto Alegre: Artmed.
- Zimerman, D.E.; OZÓRIO, L.C. *Como trabalhamos com grupos*. Porto Alegre: Artes Médicas Sul, 1997.

ANEXO

Primeira sessão (dia 07/02/08)

Foram ao primeiro encontro Bruce, Peter e Dick.

Ao entrarem na sala, os três fizeram cara de contentamento, alegria. Saíram olhando e mexendo em tudo. A sala estava organizada e adaptada para ali se realizar uma hora de entrevista lúdica. Dentre os brinquedos estruturados, coloquei vários outros, assim como vestimentas e instrumentos ligados a diferentes super-heróis. Deixei-os observando e mexendo em tudo por alguns minutos.

Após esse momento, chamei os três para se sentarem no chão para que pudessem nos conhecer primeiro e fazer um contrato. Pedi que cada um dissesse seu nome e o que mais gostava de fazer.

Bruce gosta de basquete, Peter disse gostar de bola e Dick, de pular cordas.

Dando continuidade, perguntei quem deles sabia quem eu era. Rapidamente Peter disse que eu era a Tia Laura. Nesse momento eu disse que sim, meu nome era Laura, mas que podiam me chamar apenas de Laura. Então, perguntei a eles o que eu estava fazendo ali com eles, se eles sabiam ou não. Bruce respondeu-me que eu era psicóloga. Concordei e tornei a perguntar, assim, quem sabia o que psicólogo fazia. Nesse momento, olharam-me com certa curiosidade... E Bruce disse que sabia. Mas não quis dizer o que era. Parecia estar meio envergonhado. Então, contei a eles que psicólogo ajuda as pessoas quando elas têm alguma coisa que as deixa triste, ou que não está indo bem. E perguntei se havia algo que eu pudesse fazer para ajudá-los. Bruce e Peter, de prontidão, responderam que não; já Dick ficou a olhar-me em silêncio.

Nesse momento, aproveitei para fazer o contrato de sigilo e de regras, combinando que tudo que conversássemos, dentro das sessões, não deveria ser contato para ninguém do lado de fora, que era apenas nosso. E que os brinquedos que ali estavam não podiam sair do consultório, assim como os desenhos produzidos ali ficariam comigo. Disse-lhes que em todas as sessões teríamos algumas coisas que precisaríamos fazer e que eu sempre os orientaria quando fosse o momento.

Aproveitei a oportunidade para dizer-lhes que hoje era um dia livre, no qual poderiam fazer o que quisessem dentro da sala. Eu, no caso, ficaria apenas observando-os.

Os três foram de pronto para onde estavam os super-heróis. Começaram a mexer neles e a vestir parte de suas vestimentas ali presentes. Colocaram capa do Batman, luva do Homem Aranha, Máscara do Batman e do Homem Aranha, brincaram de luta com espada. Então, Dick largou tudo isso e foi brincar de bola, sozinho. Peter e Bruce continuaram brincando, juntos, de super-heróis.

Depois, mexeram nos livros que ali estavam, nas almofadas e foram para a mesa desenhar. Peter e Bruce fizeram desenho com tinta e cola colorida. Dick usou também canetinha.

A cada instante, durante a sessão, Peter insistia em afirmar que tinha isso e aquilo. Queria mostrar que TINHA. E Bruce, em todas as conversas deles, ficava corrigindo-os. Todas as palavras que Peter ou Dick pronunciavam erroneamente, Bruce os corrigia, dizendo que estavam erradas.

Ao final da sessão, combinamos que na próxima semana nos encontraríamos novamente e que, provavelmente, haveria mais crianças conosco.

Segunda sessão (13/02/08)

Nessa sessão vieram todas as crianças: Peter, Allen, Diana, Clarc, Bruce e Dick. Fiz o mesmo procedimento que no início da sessão passada. Deixei-os por alguns

minutos para observar a reação de cada um diante da sala e, então, convidei-os para se sentarem no chão. Apresentamo-nos, relatamos que tivemos uma sessão na semana anterior. A apresentação aconteceu da seguinte forma: cada um iria dizer seu nome, comentar acerca do que mais gostasse de fazer e dizer o nome de um super-herói que gostasse muito.

Peter, na ocasião, disse que gosta de carrinho de controle remoto e do Homem Aranha. Bruce relatou gostar de tudo e não soube dizer o nome do super-herói de sua preferência. Diana evidenciou gostar de brincar com boneca e não soube dizer de qual super-herói gosta. Allen gosta de futebol e do Batman. Clarc gosta de carrinho de controle remoto e do Super Homem. Dick gosta de pular cordas e do Homem Aranha.

Depois, fizemos novamente o contrato de regras e sigilo e disse a eles que podiam ficar à vontade na sala, pois assim que estivéssemos a alguns minutos do término da sessão, iria pedir a eles que fizessem uma atividade.

Dick brincou sozinho o tempo todo. Desenhou com canetinha, fez um elefante de massinha e o pregou na folha, sentou-se perto dos livros de leitura e os folheou. Brincou com boneco da família, tirou a roupa de uma boneca.

Peter brincou com os super-heróis, suas roupas e acessórios, juntamente com Clarc durante um longo espaço de tempo; eram o Homem Aranha. Depois brincou de carrinho com Bruce e apostaram corrida em uma pista montada pelo colega. Ao final, foi desenhar com tinta. Peter repetia continuamente que tinha todos esses brinquedos em casa.

Bruce, primeiramente, sentou-se perto dos livros e os pegou para ler. Depois, foi para o lado onde havia uns blocos para montagem e montou uma estrada (pista) grande. Ficou brincando de carrinho sozinho, até que Peter foi brincar com ele.

Clarc brincou com super-heróis, suas vestimentas e acessórios com Peter e, depois, foi desenhar com tinta. Quando pedi que fossem fazer uma atividade, ao final da sessão, não gostou e não queria fazer. Após conversar com ele e lembrá-lo do contrato, aceitou colaborar.

Allen folheou os livros, mexeu nos acessórios de super-heróis, desenhou com tinta e, depois, desenhou no quadro-negro. Tudo isso sozinho. Não conversou muito com os colegas. Em um momento chegou perto de mim e pediu-me que desenhasse para ele o caule de uma árvore, pois ele não conseguia. Então, perguntei por que ele achava que não conseguia sozinho. Ele disse que não “dava conta”. Daí, insisti e disse a Allen que tinha certeza de que ele conseguiria, que poderia tentar e que eu estaria ali, ao seu lado, para ajudá-lo. Dessa forma, Allen desenhou um caule, olhou para mim e disse: *Viu? Não sei! Olha como tá feio!* Nesse momento, mostrei a ele que conseguia sim. Afinal, estava ali o seu caule e, por sinal, muito bonito (Allen me pareceu, desde o início, uma criança com a autoestima muito baixa, uma criança que parecia não ser valorizada. É também muito nervoso).

Diana, desde o início da sessão, sentou-se à mesa e ficou desenhando com tinta, sem conversar com ninguém.

Ao final da sessão, pedi que todos se sentassem nas cadeiras dispostas ao redor da mesa e que cada um pegasse uma folha, um lápis e desenhasse um herói. O herói preferido de cada um. Nesse momento, Bruce disse que não tinha um herói; então lhe expliquei que ele deveria escolher um herói e que este não precisaria ser um super-herói. Nesse momento, ele me perguntou se então podia ser seu pai e respondi que sim, caso ele fosse seu herói preferido. No entanto, Bruce desenhou o Batman.

Peter desenhou o Homem Aranha; Diana, Bruce, Clarc e Allen desenharam o Batman e, Dick, um cachorro.

Bruce foi muito crítico com seu desenho, disse que não conseguiria desenhar e que não queria desenhar. Então, eu disse a ele que não precisava ser um desenho bonito e que o importante, no caso, era que apenas desenhasse para mim, dentro de suas possibilidades.

Antes de saírem, combinei com as crianças que na próxima sessão iríamos ver parte de um filme, e que iria levar duas opções para eles escolherem. Bruce me perguntou se ele podia levar um filme dele como sugestão. Disse que sim e que, no dia, iríamos fazer uma votação e decidiríamos qual iríamos assistir.

Terceira sessão (28/02/08)

Ao chegarem para a sessão, conversamos um pouco sobre os últimos acontecimentos. Allen relatou estar muito cansado e com muita fome. Disse que não havia comido nada ainda. A sala encontrava-se organizada, já com os colchonetes colocados frente à televisão.

Bruce mostrou qual filme havia levado e então fizemos uma votação. Tinha “Monstro por acaso”, “Os Incríveis” e “Batman”. Foi consenso geral passar “Os Incríveis”, nenhum deles conhecia o filme.

Todos se sentaram e coloquei o filme. Sentei-me também em um dos colchonetes. Logo que me sentei, Allen veio e sentou-se bem perto. Alguns minutos depois, Allen colocou a cabeça em meu colo. Diana também ficou a sessão toda encostada em mim. Allen às vezes se afastava, atormentava os colegas e voltava para perto de mim. Bruce se concentrou no filme. Peter não se concentrou muito; o tempo todo brincava com Clarc e, quando eu lhes pedia, paravam e prestavam atenção no filme. Clarc, a todo instante, chamava a atenção de um colega ou outro; demonstrou não ter muito limite.

Ao final da primeira parte da sessão, perguntei a eles do que mais gostaram no filme. Diana respondeu rapidamente que foi da mulher elástica; Allen disse que gostou bastante quando o Senhor Incrível salva o gato de cima da árvore. Clarc gostou mais do momento em que a estrada explode e o Senhor Incrível para o trem. Bruce gostou mais da parte do filme em que a família briga na mesa de jantar. E Peter gostou mais da parte em que a Senhora e o Senhor Incrível estão no telhado e prendem um ladrão.

Após os comentários, pedi que cada um desenhasse essa parte do filme que me disseram terem gostado mais. Bruce resistiu dizendo que não sabe desenhar; assim, pedi a ele que fizesse da maneira que soubesse, não haveria problema algum não ser exatamente como no filme, que o desenho agora era dele e não mais do filme.

Diana desenhou a casa e disse que era a casa da família Incrível. Tornou a afirmar sua preferência pela mulher elástica. Perguntei-lhe do que mais gostou na mulher elástica e ela relatou-me que a encantava a forma como ela salvava as pessoas. Perguntei-lhe, ainda, se ela conhecia alguém que se parecesse com a mulher elástica e ela disse que não.

Clarc comentou que gostou da explosão e da força que o Senhor Incrível possuía, já que conseguia segurar o trem.

Encerramos a sessão, colocando todo o material de volta ao lugar e combinamos que nos encontraríamos daí a uma semana, quando continuaríamos a ver o filme a partir do ponto em que paramos.

Allen saiu correndo e veio abraçar-me, beijando-me.

Quarta sessão (06/03/08)

Quando chegaram, perguntei como estavam e disseram estar bem. Perguntei se lembravam o que iríamos fazer naquele dia e, prontamente, responderam que íamos continuar assistindo ao filme. Então pedi que contassem o que tinha acontecido no filme na semana passada. Contaram exatamente as partes que haviam gostado mais. Lembraram que os super-heróis não podiam mais ser super-heróis.

Em seguida, coloquei o filme e todos foram assistir. Allen veio se aproximando de mim até que me pediu para colocar novamente a cabeça em meu colo. Permiti e, a todo instante, Allen “cutucava” Diana ou Bruce.

Em uma das passagens do filme, Allen comentou que o Senhor Incrível deveria rolar para ir mais rápido e, no mesmo momento, ele, que estava correndo, começou a escorregar e foi escorregando. Dando continuidade, Allen disse: *Os super-heróis escutam o que a gente tá falando, né?! Perguntei então o porquê de ele pensar assim, ao que me retrucou afirmando que o Senhor Incrível o havia escutado. Aproveitei a oportunidade e perguntei-lhe o que ele gostaria de dizer a ele, mas Allen não respondeu e continuou assistindo ao filme.*

Após o término do filme, entreguei massinha para eles brincarem. Bruce disse que não podia brincar de massinha, pois a mãe não permitia que ele brincasse sem luvas, a fim de não sujar as unhas. Contudo, disse a ele que podia brincar, considerando que já havia falado com sua mãe e ela havia dado a autorização. Ele ficou muito satisfeito e foi brincar. Cada um pegou sua massinha e foi brincar separado. Inclusive Bruce queria usar uma massinha que estava com Allen, mas ele não estava usando, e Allen não quis emprestar. Nesse momento, conversamos sobre emprestar objetos, brinquedos, materiais diversos; fiz comentários acerca da importância desse ato e, logo, Allen entregou a Massinha para Bruce.

Allen fez um Batman de massinha, mas sem olhos e sem boca; queria emprestada uma caneta para fazer os olhos e a boca. Bruce fez também um Batman de massinha.

Diana ficou observando os dois e fez três homens Batman: um vermelho, um verde e um meio cinza. Depois, resolveu montar “um gol” de futebol rosa.

Quando Allen viu Diana fazendo “o gol”, resolveu também montar um. Fez um time de futebol com três jogadores de cada lado. E chamou-me para jogar com ele. Nesse mesmo momento, Diana parou de mexer com a massinha e se deitou; fingiu estar dormindo.

Bruce também resolveu montar um jogo de futebol. Disse que seria o Batman contra alguém; perguntei quem seria seu adversário, mas ele disse que ainda não sabia. Bruce juntou várias massinhas para montar uma trave bem grande. Em seguida, perguntei o porquê daquele tamanho de trave, ao que ele respondeu que seria para fazer o gol mais fácil.

Alguns minutos após, pedi que juntassem tudo, pois nosso horário havia terminado. Combinamos que na próxima semana nos encontraríamos no mesmo horário e que assistiríamos a mais uma parte do filme.

Quinta sessão (13/03/08)

Passei a terceira parte do filme. Como Clarc não havia vindo no encontro passado, segundo ele por ter perdido a hora, fizemos novamente uma retrospectiva do filme. Bruce contou a ele o que havia acontecido.

Bruce se lembrou de dizer que o homem laser apareceu como morto, que agora o Senhor Incrível estava usando um novo uniforme. Bruce lembrou também do momento em que a Senhora Incrível, Flecha e Violeta caem na água e formam um barco para nadar até a ilha. *Ela pegou e virou um barco e o Flecha foi empurrando até chegar à ilha.*

Reiniciamos o filme nessa parte, voltando à cena, já que pediram para ver e representava o final da sessão passada. Logo que iniciei o filme, viram que havia os bonecos dos Incríveis, como brinquedo, no canto da sala. Pegaram os mesmos para brincar. Então, pedi-lhes que ficassem atentos, primeiro, ao filme; depois, teriam tempo para brincar. Pediram para ficar com os bonecos na mão e deixei, mas em acordo para que brincassem somente no final.

Peter pegou o Senhor Incrível; Clarc, a Senhora Incrível e, Bruce, o Flecha.

Ao final do filme, ficaram brincando somente com os bonecos.

No início, houve certa dificuldade, já que Peter queria ficar com muitos bonecos para ele. Nesse contexto, conversamos novamente sobre a questão de dividir e de poderem brincar juntos. Bruce, portanto, sugeriu que cada um ficasse com dois bonecos, já que estavam em três e eram seis bonecos. Dessa forma, Peter ficou com o Senhor Incrível e com o bebê e, Clarc, com Bochecha e a Senhora Incrível.

Bruce ficou com Violeta e Flecha. Ficava se escondendo, o tempo todo (utilizando o poder da Violeta), e correndo (utilizando o poder do Flecha). Em um momento, pegou o Bochecha e lutou contra ele. Ficou durante alguns bons minutos brincando com os dois.

Hoje, começaram a brincar entre si. Peter foi lutar contra Clarc. Clarc frequentemente corrigia Peter, dizendo que o Senhor Incrível não faz isso no filme. Depois de Peter lutar com Clarc (que eram a mãe e o Bochecha), foi lutar com Bruce, que eram os irmãos.

Depois, Peter promoveu uma luta do Senhor Incrível com o bebê. Peter, nesse momento, disse ser o Senhor Incrível e, bem depressa, chutou o bebê, que voou longe.

Clarc ficou brincando de mulher elástica e pulava superalto. Achou um esconderijo onde podia se esconder de Bochecha para, depois, atacá-lo.

Nesse dia foi muito difícil encerrar a sessão; não queriam por nada parar de brincar com os bonecos. Enfim, combinamos que na próxima sessão os traria novamente e que assistiríamos à última parte do filme.

Sexta sessão (27/03/08)

Hoje, ao chegar para sessão, revisamos o que havia acontecido no encontro passado. Reforcei que hoje seria a última parte do filme. Assistiram ao filme, todos muito atentos e concentrados. Em alguns momentos nos quais os super-heróis estavam vencendo, eles vibravam e os imitavam.

Diana, ao final do filme, exclamou: *eu sou a Violeta!* Perguntei a ela o porquê dessa comparação e disse-me que era pelo fato de ela ser bonita e que não mais se sentia tímida. Allen soltou em seguida um *e eu sou o Flecha* e começou a imitá-lo correndo. Perguntei-lhe, então, o que ele mais havia gostado no Flecha e ele respondeu-me que era pela forma como ele corria.

Bruce disse que a parte do filme que ele mais gostou foi a do bebê virando bicho e chumbo no final e, também, da Flecha correndo entre as plantas e sobre a água. Bruce ficou mexendo em um livro dos Incríveis, que continha fotos de algumas cenas.

Logo Allen pegou um papel e foi fazer um desenho com tinta. Desenhou um carro.

Clarc pegou a massinha e fez uma cobra bem grande e depois começou a fazer bolinhas de massinha.

Bruce largou o livro e foi brincar de luta com Bochecha, Violeta e Flecha. Depois, quis brincar com massinha, mas não tinha a cor que queria, porém não queria misturar duas massinhas para obtê-la. Voltou a brincar com os bonecos e Allen foi lutar com ele.

Diana pegou uma folha e foi desenhar com tinta. Jogou fora seu primeiro desenho, pois disse que estava muito feio.

Ao final, perguntei a eles qual filme gostariam de assistir no próximo encontro. Pediram que fosse um filme de terror. Perguntei o porquê dessa escolha. Clarc, que era o que mais demonstrava interesse por essa modalidade, disse que gostava de ver as cenas e de ficar com medo depois. Perguntei-lhe o que ele fazia quando ficava com medo, ao que ele respondeu que costumava pular da janela lá em baixo (e mostrou janela abaixo do CEPSE). Eu disse a ele que assim se machucaria e não resolveria o problema, e que era melhor encontrarmos outra forma de resolvê-lo. Nesse momento, Bruce deu a sugestão de assistirmos a um de seus filmes, chamado “Monstro por acaso”, que não é de terror, mas de monstro. Assim, alguns aceitaram a sugestão. Fizemos uma votação e venceu “Monstro por acaso”.

Sétima sessão (03/04/08)

Quando as crianças chegaram, retomamos o que havíamos combinado na última sessão. Fizemos um acordo de que o processo apenas seria inverso naquela sessão. Primeiro iriam fazer uma atividade e, depois, assistiríamos ao filme.

Perguntei a cada um qual havia sido a parte do filme que mais haviam gostado. Bruce rapidamente respondeu que foi a briga em família na hora do jantar. Disse também que gostou muito quando a mulher elástica vira barco e nada com os filhos até a ilha.

Clarc disse que gostou mais da parte em que o Senhor Incrível está lutando e cai na água, segura a porta e a bomba estoura, empurrando-o para longe. Disse também: *A minha mãe é igual essa aqui!* Perguntei o que o levava a chegar a tal conclusão. Ele disse que pelo fato de ela agir da mesma forma, dar broncas, falar além da conta.

Diana disse ter gostado mais da Violeta, pois ela não ter mais vergonha. Repetiu essa consideração umas duas vezes durante a sessão.

Allen disse ter gostado mais do Flecha e do bebê. Depois, acrescentou que também gostou muito da Mulher Elástico.

Já Bruce pegou o livro do filme e começou a folheá-lo e, quando chegou na foto da briga da família na hora do jantar, mostrou-a para os colegas. Allen e Clarc no mesmo instante falaram que era como na casa deles. Todo mundo brigando. Bruce disse que na casa dele não era assim. Allen disse mais: *Nossa! É igual lá em casa mesmo... até a parede tá quebrada!* Continuaram vendo o livro.

Depois, pedi que cada um desenhasse essa parte que mais gostou e, posteriormente, entregassem-me a arte.

Coloquei o filme, conforme o combinado. Bruce o havia levado.

Ao final, auxiliaram-me a arrumar a sala. Fizemos o acordo de que o próximo encontro seria o nosso último! Perguntei se gostariam de assistir a mais uma parte do

filme “Monstro por acaso” ou se gostariam de rever alguma parte de “Os Incríveis”, e preferiram rever uma parte do “Os Incríveis”.

Oitavo encontro (10/04/08)

Ao chegarem, perguntei se lembravam o que havíamos combinado para aquele dia. Disseram que sim e logo recordaram que aquele seria o último encontro. Allen abraçou-me, dizendo que não queria parar de ir às sessões. Eu disse a ele que não havia como continuarmos, mas que, se realmente tivesse essa intenção, eu poderia organizar para que ele continuasse, mas não seria mais comigo e, sim, com outra psicóloga.

Houve um momento de discussão para resolver qual seria a parte do filme que iriam rever, disse a eles que eles poderiam escolher. Depois de lembrarem de varias partes ficou acordado que iriam assistir o filme a partir da parte que a família briga na hora do jantar e iriam até a parte onde todos lutam na floresta usando seus super-poderes.

Clarc e Peter ficaram atrapalhando um ao outro o tempo todo. Chutando, cutucando e irritando o outro.

Dianae Allen ficaram concentrados o tempo todo no filme.

Ao terminar de passar o filme, deixei um momento livre para fazerem o que quisessem na sala.

Estavam muito agitado e inquieto.

Peter pegou o Sr. Incrível e começou a copiá-lo. Vendo isso, Allen resolveu também copiar o Sr. Incrível. Como em outras sessões, Allen me pediu que desenhasse para ele, pois ele não sabe desenhar, então disse a ele que desenhasse como soubesse que o importante era fazer e não achar que não sabe. Depois que desenhou mostrei a ele como ele sabe sim desenhar, que seu desenho havia ficado muito bonito! Bruce pegou o bebe e começou a copiá-lo no papel.

Diana começou um desenho, não terminou, disse que tava feia e rasgou. Começou outro. Em todas as sessões Diana apresentou esse comportamento de dizer que seus desenhos são feios e que não gostou. Por ultimo fez o desenho de uma casa e disse que era a minha casa.

Encerramos a sessão quando todos me entregaram o desenho e nos despedimos. Ao final marquei um encontro com cada um dos responsáveis para uma entrevista de devolução.

ENTREVISTAS

Clarc Fontes

Veio para a primeira entrevista a mãe.

Clarc, seis anos, tem duas irmãs, e é o filho do meio. Sua irmã mais velha tem 11 anos, e a mais nova, que é fruto do relacionamento da mãe com o padrasto, 1 ano e 8 meses. Seu pai faleceu à cinco meses e o padrasto à três meses. A mãe de Clarc teve um relacionamento de 11 anos com o pai de Clarc. Atualmente moram juntos a mãe, os três filhos e a avó materna.

Quando engravidou de Clarc o pai não aceitou, disse que queria ter apenas um filho e pediu que tirasse a criança, mas a mãe resolveu que mesmo que ele não quisesse ela iria ter o filho. Ficaram casados até quando Clarc tinha quase três anos. O pai

sempre rejeitou Clarc, não gostava dele e o tratava com muita ignorância, segundo a mãe. Os pais brigavam muito e os filhos sempre presenciaram as brigas, que até o momento não eram brigas com violência física.

Após a separação o contato do pai com os filhos era constante, sempre ligava e procurava encontrar com eles, contudo antes de sua morte já havia bastante tempo que não ligava e nem encontrava com os filhos. A última vez que eles se falaram foi em fevereiro de 2007, no aniversário de Clarc, e o pai foi enterrado no dia dos pais em 2007.

Clarc nasceu no Pará onde morava com a mãe, o pai e a irmã mais velha. Moravam perto da família do pai, que é toda do Pará. Quando Clarc completou nove meses teve que desmamar a força, pois a mãe descobriu que estava com câncer de colo de útero. Então ela e o marido foram para Goiânia para fazer o tratamento e deixou Clarc e a irmã com a avó paterna no Pará. Voltaram após 40 dias.

Segundo o relato da mãe, Clarc não queria mais saber dela, a rejeitou por alguns dias. Quando teve que voltar para fazer revisão, Clarc estava com 1 ano e 6 meses, resolveram vir a família toda e morar em Goiânia.

Desde a mudança apenas a mãe passou a trabalhar para sustentar a casa. O pai ficava o dia todo em casa jogando vídeo-game, e quem cuidava do Clarc, que era ainda uma criança pequena, era a irmã mais velha. Ela fazia comida, dava banho e cuidava dele.

Os pais se separaram após uma briga que tiveram, onde o pai bateu na cara da mãe. Após a separação o pai voltou a morar no Pará junto à sua família. A mãe começou a namorar outra pessoa e após algum tempo engravidou e teve a irmã mais nova de Clarc. O padrasto foi então morar com a família. Clarc sempre brigou demais com a irmã mais nova, nunca teve paciência com ela e, por ela ser menor, sempre batia.

Quando recebeu a notícia da morte do pai a avó materna levou Clarc e a irmã mais velha ao enterro no Pará. Foi uma morte por acidente de moto. Desde que voltou de viagem, a mãe e a escola tem notado que Clarc encontra-se nervoso e brigão. Partiu a da escola a idéia de solicitar um acompanhamento psicológico para Clarc.

Após poucos meses da morte do pai de Clarc, o padrasto, que já estava morando com eles a algum tempo, foi assassinado. Clarc tinha um ótimo relacionamento com ele. A mãe teve medo de contar a verdade á Clarc e então, após conversar na escola, resolveu esconder o assunto dele. Contudo Clarc estava percebendo tudo o que estava acontecendo, e questionou a mãe, dizendo a ela que sabia que ela sempre dizia a verdade a ele, e que ele queria saber o que estava acontecendo. Então a mãe contou que o padrasto havia falecido.

Após um mês da morte do padrasto Clarc perdeu a cachorra atropelada por um ônibus, na rua de sua casa. Nesse dia Clarc disse a sua mãe que quem devia ter morrido era ele, porque assim ela não teria mais trabalho com ele.

Clarc sempre teve problemas pois gosta de brincar na rua, mas moram em uma rua muito movimentada e perigosa, então sua mãe não o deixa brincar lá. Após a morte do cachorro a mãe mostrou a ele o porque ela não gosta que ele brinque na rua, pois poderia acontecer a mesma coisa com ele.

Clarc sempre chupou chupeta, e na semana da entrevista com a mãe, ela disse que a madrinha do Clarc prometeu a ele um carrinho de controle remoto caso largasse a chupeta. Ainda não havia ganhado o carrinho, mas já estava a dois dias sem a chupeta.

Tentou largar a chupeta varias vezes, mas logo que os pais separaram voltou a chupar a chupeta, quando a irmã mais nova nasceu tinha novamente pouco tempo que tinha largado e voltou e assim que o pai faleceu aconteceu a mesma coisa, já havia largado e voltou. Mama ainda hoje na mamadeira.

Entrevista de fechamento das Oficinas

Clarc conseguiu largar a chupeta, já está sem desde fevereiro. A mãe relatou que percebeu uma grande mudança de Clarc dentro de casa. Mas não na escola. Hoje ele cuida da irmã mais nova, está muito atencioso com ela. Quando vai brincar busca sempre um jeito de incluí-la na brincadeira, mesmo que ela ainda não saiba brincar com ele por causa da diferença de idade. Empresta seus brinquedos a ela, coisa que não fazia antes. A mãe acredita que ele tem o sentimento de que ele é o único que pode dar a ela o amor que o pai dava. Segundo a mãe, Clarc busca tratar a irmã mais nova assim como o pai dela a tratava, e chegou a relatar para a mãe que iria cuidar dela pois sabe como é ruim não ter pai.

Clarc ainda chora muito a morte do pai, e a mãe relata não entender como, pois reafirma que o pai não gostava dele e o tratava com ignorância, e a maior parte do tempo nem o dava atenção. Contudo disse que evita dizer isso a ele.

No dia anterior a entrevista de devolução, a avó materna que morava até então com eles, mudou. Clarc chorou muito no dia anterior.

Na escola Clarc continua muito agressivo e inquieto. Não relataram nenhuma mudança em suas atitudes.

Orientei a mãe que mantivesse Clarc em terapia por mais algum tempo.

Bruce

Compareceram para a entrevista o pai e a mãe de Bruce.

Bruce, 7 anos, vive com pais adotivos. Tem contato com a mãe biológica e sua adoção não foi judicialmente resolvida. Sabe de toda sua história, como foi que se encontraram pela primeira vez e desde quando mora com eles. Tem uma irmã de 13 anos da mãe biológica, que direto passa o fim de semana com ele na casa dos pais adotivos. Tem também um irmão mais velho, de 24 anos, filho dos pais adotivos.

Segundo os pais Bruce é uma criança muito esperta e inteligente. Sua inteligência está acima das crianças da mesma idade, pois aprende tudo muito rápido. Acreditam também que Bruce seja hiperativo. Relatam que ele gosta muito de ler, é o que o faz parar quieto. Pretendem colocá-lo em algum esporte para que gaste mais energia.

Bruce freqüentemente tem crise de nervo em casa e grita muito, fica se espremendo todo como se estivesse segurando sua raiva para não deixá-la destruir nada. A professora disse que ele não apresenta isso na escola.

Os pais relataram que de vez em quando o ameaçam devolve-lo para a mãe, principalmente quando está em crise de nervo. Relatam também que sempre que contam a sua história, de como foi encontrado a primeira vez, e como foi que as coisas aconteceram para que ficasse com eles, ele diz que já sabe e pede para pararem. Não gosta de escutar.

A história de Bruce é o seguinte:

Seus pais adotivos tinham costume de almoçar em um restaurante perto de casa. Um dia escutaram o choro de uma criança durante todo o período em que estavam almoçando. Perguntaram então a dona do restaurante de onde vinha o choro da criança, e ela contou que vinha da cozinha. Relatou que a cozinheira tinha tido um filho, que estava atualmente com cinco meses e não tinha aonde deixar para ir trabalhar.

Pediram para ir até a cozinha ver a criança. Bruce estava no meio da cozinha, dentro de uma caixa de papelão. A cozinha e o chão estavam muito sujos. Bruce estava todo sujo e cheio de feridas no rosto. A mãe adotiva pediu então para a mãe biológica se podia levá-lo para a casa dela e dar um banho nele, pois morava ali perto. Ela aceitou. A partir desse dia começaram a fazer isso todos os dias. Passavam lá no restaurante e pegavam a criança e ficava com ele até a hora da mãe sair do trabalho.

Depois de algum tempo o restaurante fechou e eles ficaram uns dois meses sem ter notícias da criança. Foram atrás e encontraram a mãe morando em um barracão. Alugaram um barracão melhor e perto da casa deles e a levaram para lá. Assim enquanto a mãe ia trabalhar Bruce ficava na casa da mãe adotiva. Aos poucos ele começou a dormir lá e foi ficando.

Hoje a mãe biológica mora com outro homem e com a filha de treze anos. Segundo a mãe adotiva, Bruce não gosta do atual marido da mãe e prefere não encontrá-los.

Nas últimas férias a irmã de Bruce passou vários dias com ele na casa dos pais adotivos. O irmão de Bruce não tem uma boa ligação com ele, eles brigam muito e segundo os pais eles acreditam que o irmão mais velho não queira dividir suas coisas, bens, com Bruce. Esse é um dos motivos pelos quais ainda não fizeram o processo de adoção de Bruce.

Os pais já na primeira entrevista foram orientados não ameaçar Bruce dizendo que iria devolvê-lo, pois isso pode causar certa insegurança na criança e pode auxiliar para trazer alguns “fantasmas” a sua imaginação. Disse também a eles que quando disserem que vão fazer algo, que façam. Não devem ficar sempre ameaçando, pois se não colocarem os limites e nem cobrá-los, não tem como Bruce aprender o que deve realmente fazer.

Entrevista de fechamento das oficinas

A entrevista de devolução foi remarcada varias vezes, por dificuldade dos pais de comparecerem. No dia da entrevista o pai foi sozinho, sem a mãe, e chegou uns 40 minutos atrasado.

Bruce foi a todos encontros.

O pai relatou que as crises de nervo e os gritos pararam. Bruce está com mais limites e tem melhorado em tudo em casa. Não está tão desobediente mais e os pais também não utilizam mais de ameaças de que irão devolvê-lo para a mãe biológica. Na escola o pai disse que Bruce nunca foi de apresentar problemas e continua da mesma forma.

Apesar dessas melhorar Bruce vem enfrentando um problema com o irmão de 24 anos. Eles estão brigando muito ultimamente e o irmão já falou para os pais que vai sair de casa, que está cansado. Ele atualmente não trabalha e mora com a mulher dentro da casa da mãe e do pai. De um mês para cá passou a dizer abertamente que não quer dividir nada seu com Bruce, que ele é o único filho que tem direito a herança dos pais.

A mãe vem sofrendo demais com toda esse historia, e resolveu que não ira registrar legalmente Bruce, mas acredita que o filho esta sendo influenciado pela mulher, e que se ele achar melhor pode sair de casa. Acreditam que logo voltará pois está desempregado e não tem como sustentar a própria casa.

Bruce foi orientado a continuar em terapia.

Peter

Compareceu a mãe para a entrevista. A mãe estuda pela manhã e trabalha até 22hs. Então disse que quem estaria levando Peter, 5 anos e meio, às sessões seria o pai. Peter tem um irmão de 1 ano e 1 mês.

Peter faltou a duas sessões. Por fim a mãe disse que estava matando aula para poder levá-lo pois percebia o quanto era importante para ele e o pai achava que era uma bobagem.

A mãe ficou grávida aos 16 anos, morava com os pais. Teve muito medo da reação deles ao contar sobre a gravidez. Seu pai chegou a ser internado quando contou pois sua pressão subiu e sua mãe rejeitou Peter no início. Seu namorado, o pai de Peter, a apoiou desde o início, contudo ficou afastado por um mês por causa da reação dos avós.

A mãe relatou que a gravidez foi muito perturbada e difícil. Chorou a gravidez toda. No início apesar do apoio do namorado, pensou em tirar o bebê já que seus pais não aceitavam, mas depois desistiu. Se casaram quando Peter tinha 2 anos e 6 meses. O pai sempre foi muito presente na vida de Peter, mesmo antes de se casarem, fazia questão de vê-lo todos os dias.

Hoje moram no fundo da casa da avó materna, que intervém muito na criação de Peter. Repete sempre à filha que ela não sabe criar ele. A mãe de Peter relata não gostar dessa intervenção da mãe, mas diz não conseguir colocar limite nela, e que as vezes acredita mesmo que não saiba criar ele bem.

Peter largou o bico por vontade própria com um ano, a mamadeira foi tirada através de conversa quando ele tinha três anos. Após a chegada do irmão mais novo, Peter tem apresentado muitos comportamentos de ciúmes.

Ele frequenta escola desde os dois anos de idade e nunca apresentou dificuldade de relacionamento com colegas antes. Contudo recentemente a professora a chamou na escola e disse que Peter anda agressivo; relatou que mordeu duas crianças da sala. Essas reclamações na escola começaram após a chegada do irmão e a professora orientou a mãe que procurasse uma psicóloga para ele. Peter conta a mãe que tem uma namorada na escola, e segundo a mãe, essa menina parece até sua filha, do tanto que parece fisicamente à ela.

Em casa Peter não apresenta atitudes agressivas como é relatado na escola. Ele tem chorado muito em casa, e geralmente chora sozinho. Quando a mãe questiona o porque que está chorando diz não ter motivo, apenas porque quer.

Segundo a mãe, o pai não dá muita atenção à Peter. Ele brinca muito com o irmão mais novo, que está em uma fase engraadinha. Peter é muito obediente mas não gosta de brincar com o irmão mais novo, pois ele sempre morde o Peter e ele não faz nada. A mãe diz que sempre briga com o irmão e diz ao Peter que ele não deve deixar o irmão bater nele, afinal ele é mais velho e consegue segurar o irmão para não deixá-lo fazer isso.

A mãe relata também que acredita que Peter sente muito sua falta, e que nessas últimas férias dela aproveitou muito para brincar e estar com ele, e que ele sempre lembra ela de como foi bom.

Como a mãe chega tarde em casa do trabalho e sai antes das sete para faculdade, Peter busca dormir tarde para encontrá-la a noite. Segundo ela, sempre quando chega do trabalho fica com ele uns vinte ou trinta minutos e depois o coloca para dormir.

Entrevista de fechamento das oficinas.

Segundo a mãe, Peter mudou bastante, tanto em casa quanto na escola. Uma semana antes da entrevista de devolução houve uma reunião na escola de Peter e a professora foi perguntar o que estava acontecendo com Peter, que ele havia mudado muito seu comportamento na escola. Não está mais agressivo com os colegas, não tem apresentado mais nenhum problema de relacionamento. Então ela relatou que a única coisa diferente que estava fazendo era terapia.

Em casa a mãe relatou que ele anda mais carinhoso com o irmão e que aprendeu a brincar com ele. Inclusive quando vai brincar de algo que o irmão não da conta por causa da idade, por exemplo, vídeo-game, entrega um controle desligado a ele para achar que está brincando com ele também.

Segundo a mãe, os pais também mudaram a postura com relação a Peter. Estão fazendo do tempo que tem juntos, que são os fins de noite e fim de semana mais produtivo. Mudaram também a forma de brigar quando faz algo errado. Ando explicando o porque que fez errado e como seria o certo.

Orientei que seria interessante que Peter continuasse uma terapia em grupo.

Diana e Allen

Primeiramente quem foi a entrevista foi uma jovem da igreja à qual a avó de Diana, 7 anos, e Allen, 6 anos, freqüentam. Ela disse que seria muito difícil conseguir levar a avó, que é a responsável das crianças, para a entrevista, pois ela acha que não é necessário. Então colhi todos os dados que ela poderia me dar sobre a criança e ao final insisti que tentasse convencer a avó de ir para colher alguns dados melhor.

Então dois dias depois marcamos outra entrevista e a tia que mora com eles é quem foi. Não sabia dizer muitas coisas sobre as crianças. Apenas relatou os episódios de morte que tem enfrentado e disse que é apenas o que sabe.

Diana perdeu a mãe aos dois anos de idade, quando ainda amamentava. Ela foi assassinada e Diana estava em casa no momento e viu tudo.

Ela freqüenta escola atualmente e tem muita dificuldade de aprendizagem. É uma criança que dá muita birra, é carente e briga e xinga muito. Mora com a avó, uma tia e primos em um barracão.

Eles têm uma vida financeira bem difícil, toda a família com 12 pessoas vive com a renda de um salário mínimo e as ajudas que recebem da igreja.

A mãe de Diana era usuária de drogas, assim como muitos membros da família que atualmente vivem com ela. Tem um primo de 12 anos já totalmente envolvido com drogas. A região é bem perigosa e as crianças ficam o dia todo na rua.

Allen perdeu a mãe em janeiro de 2008. Também foi assassinada e está ligada a problemas com drogas. Ele anda muito agressivo ultimamente. Fica o dia todo na rua. Já apanhou varias vez dos policiais que fazem ronda na região e a tia diz que isso é bom porque assim ele fica mais esperto e evita de se envolver com as drogas.

Nenhuma das duas crianças tem contato atualmente com os pais.

Quem levava as crianças às sessões eram pessoas da sociedade empenhadas em auxiliar a família. Alguns dias quem levou foi a Marta, essa moça que procurou tratamento para as crianças, outros dias foi seu irmão e alguns dias o padre da igreja.

Entrevista de fechamento das oficinas.

A tia e nem a avó quiseram comparecer para entrevista. Segundo Marta, a avó relatou que não iria, pois quem precisava de ajuda era ela e não as crianças, pois criança

nem sabe o que está vivendo. Então disse a Marta que pedisse a ela para ir ao CEPPI, pois assim poderíamos encaminhá-la para acompanhamento psicológico também, já que desejava, e assim poderíamos conversar sobre as crianças para saber como estão, se houve alguma melhora. Contudo nem a avó e nem a tia quiseram comparecer. Marta foi em busca de informação na casa e levou para entrevista.

Segundo relato da pessoa que toma conta das crianças, uma vizinha de 15 anos, ultimamente Allen anda mais carinhoso, e menos nervoso. Não briga tanto com os colegas e não faz tanta coisa errada como antes.

Diana tem xingado menos, mas continua com dificuldades de aprendizagem na escola, segundo essa mesma vizinha que cuida dela tem dado menos birra ultimamente.

Dick

A mãe de Dick, 6 anos, veio para entrevista. Disse que teve o Dick aos 42 anos e que ele é um presente de Deus, pois ela não podia mais ter filhos e Deus a abençoou com ele. Dick tem uma irmã de 17 anos, filha de outro pai. Os dois são como “cão e gato” de acordo com a mãe.

O pai de Dick nunca aceitou a gravidez e sempre o rejeitou e o rejeita até hoje. A mãe sofreu muito quando descobriu a gestação, chorava muito e trabalhava muito na época. Entrou em trabalho de parte prematuro um mês antes do tempo, contudo parou de trabalhar e fez repouso, assim Dick nasceu com 37 semanas.

Dick sempre presenciou briga dos pais. Hoje os pais estão separados. O pai quase não vê o filho. Algumas vezes marca de levá-lo para sair, mas nem sempre aparece.

Dick tem também irmã por parte de pai, e sua irmã já é mais velha e tem uma filha. Toda vez que o pai marca de sair com Dick, sua irmã vai também e leva a filha. Segundo a mãe de Dick, ele fica muito triste quando sai com eles, pois o pai não dá atenção a ele, apenas a neta.

Varias vezes o pai já disse ao Dick que não gosta dele. Mas mesmo assim Dick diz a mãe que não aceita que ela case com outra pessoa, pois ninguém irá tomar o lugar de seu pai. Mas ao mesmo tempo as vezes questiona a mãe se pode chamar o próximo marido dela de pai (sendo que a mãe nem namorado tem).

A mãe de Dick disse que talvez alguns dias não teria como ir as sessões, pois o dinheiro que tem para viver nem sempre dá para pagar o ônibus para irem ao CEPPI. Contudo afirmou que sempre que não puderem ir ligaria avisando.

Dick foi em apenas duas sessões e depois a mãe ligou dizendo que ele não quis mais ir aos encontros.